

OSWALD DE ANDRADE

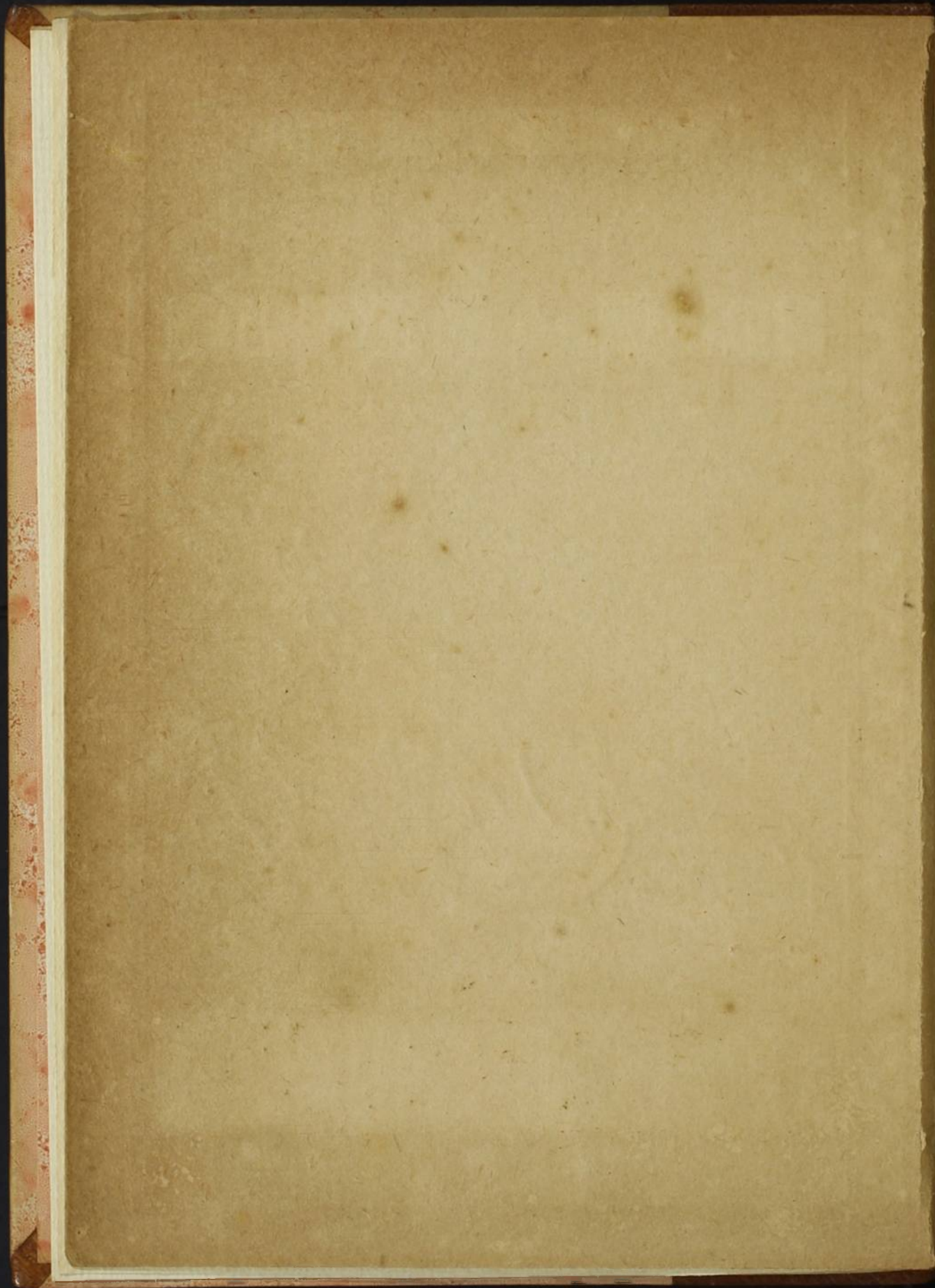
A

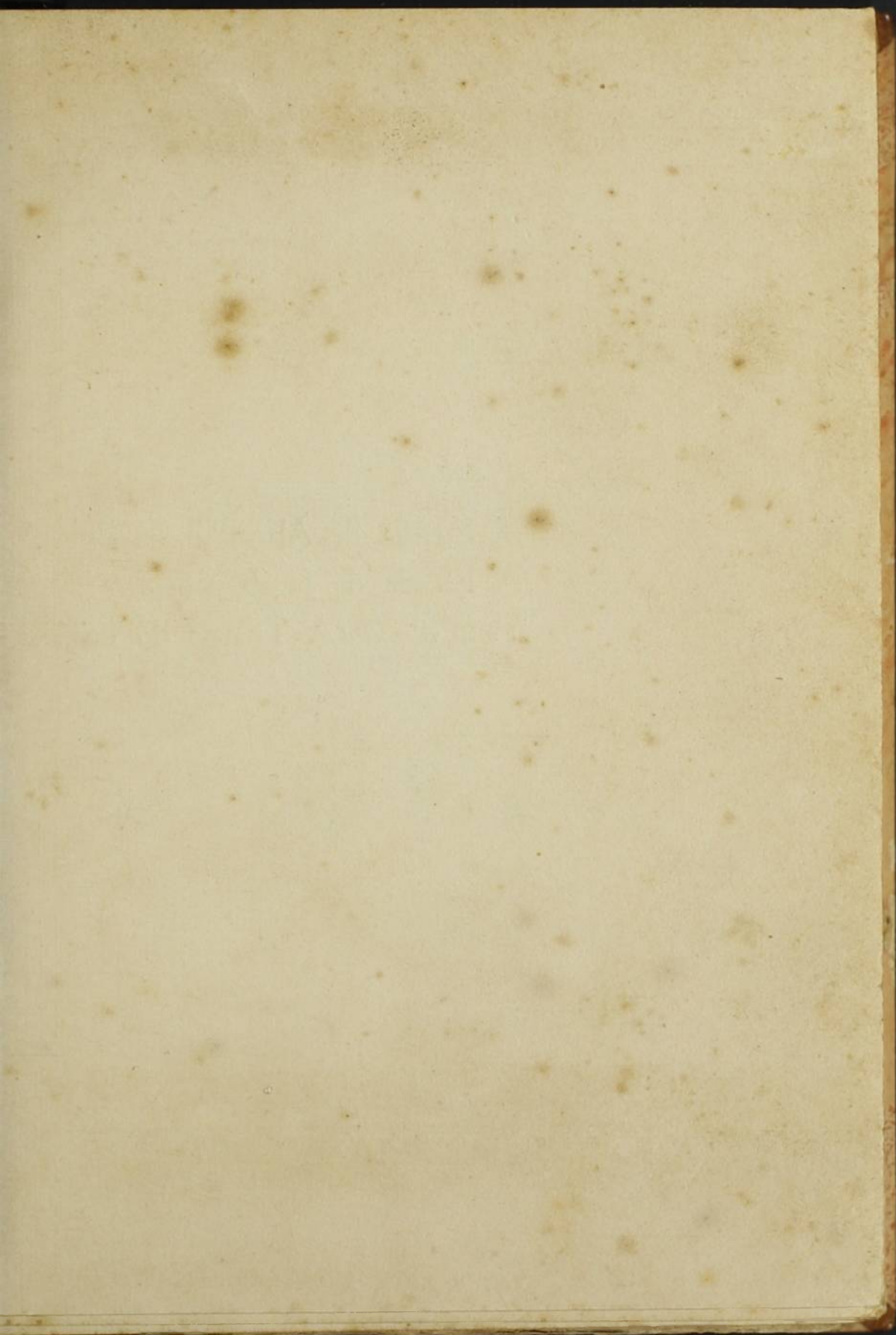
TRILOGIA DO EXILIO



I

OS CONDEMNADOS





DO MESMO AUTOR

A sahir:

A Estrella de Absyntho, romance.

A Escada de Jacob, romance.

II e III volumes d'A Trilogia do Exilio.

OSWALD DE ANDRADE

A TRILOGIA DO EXILIO.

Ao Rubens

*homenagem
ao critico nas-
cente*

Oswald

18-8-22

1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

1901

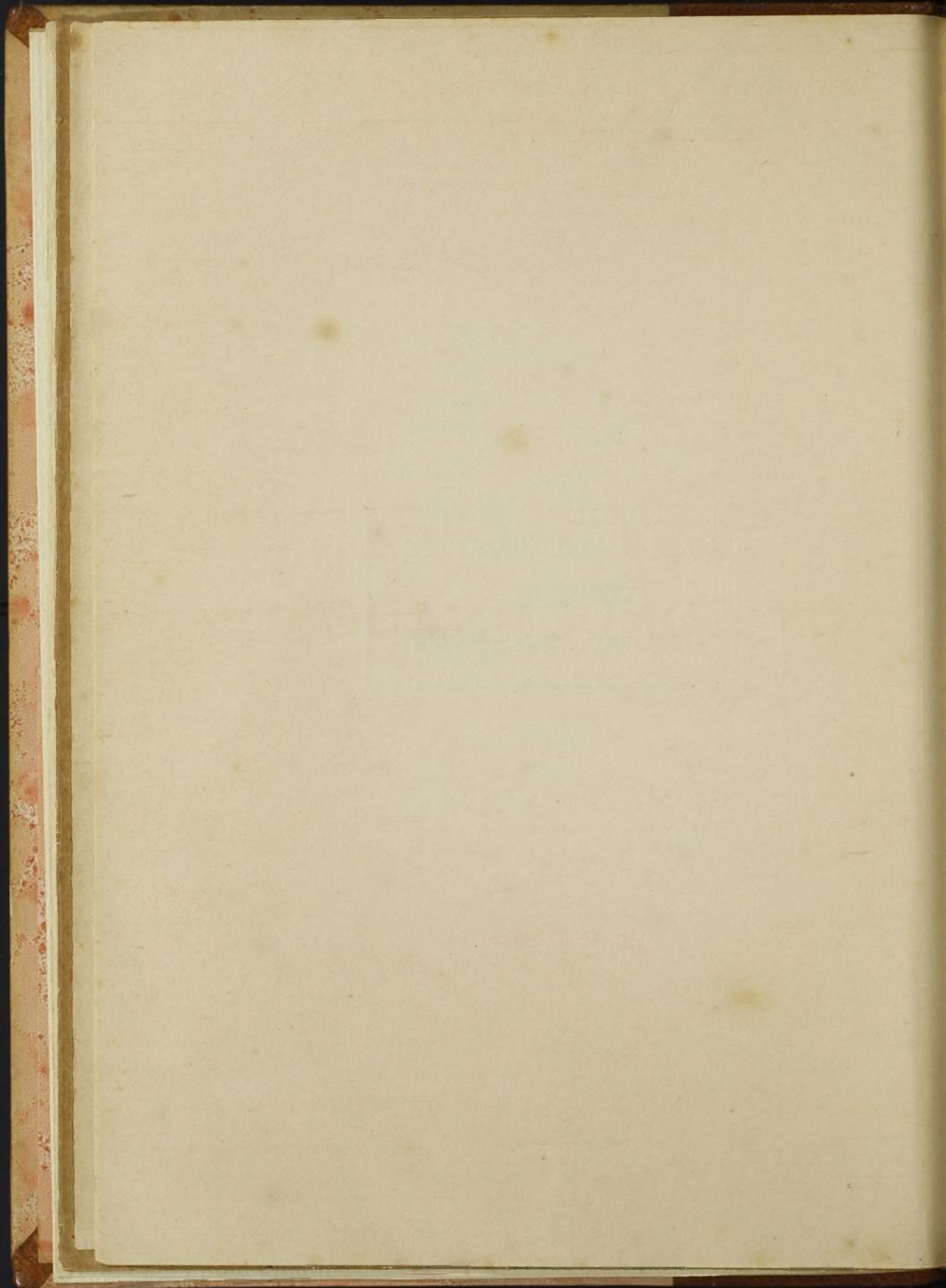
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025
2026
2027
2028
2029
2030
2031
2032
2033
2034
2035
2036
2037
2038
2039
2040
2041
2042
2043
2044
2045
2046
2047
2048
2049
2050
2051
2052
2053
2054
2055
2056
2057
2058
2059
2060
2061
2062
2063
2064
2065
2066
2067
2068
2069
2070
2071
2072
2073
2074
2075
2076
2077
2078
2079
2080
2081
2082
2083
2084
2085
2086
2087
2088
2089
2090
2091
2092
2093
2094
2095
2096
2097
2098
2099
2100

1901
1902
1903
1904
1905
1906
1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025
2026
2027
2028
2029
2030
2031
2032
2033
2034
2035
2036
2037
2038
2039
2040
2041
2042
2043
2044
2045
2046
2047
2048
2049
2050
2051
2052
2053
2054
2055
2056
2057
2058
2059
2060
2061
2062
2063
2064
2065
2066
2067
2068
2069
2070
2071
2072
2073
2074
2075
2076
2077
2078
2079
2080
2081
2082
2083
2084
2085
2086
2087
2088
2089
2090
2091
2092
2093
2094
2095
2096
2097
2098
2099
2100

A' MEMORIA DE MEUS PAES

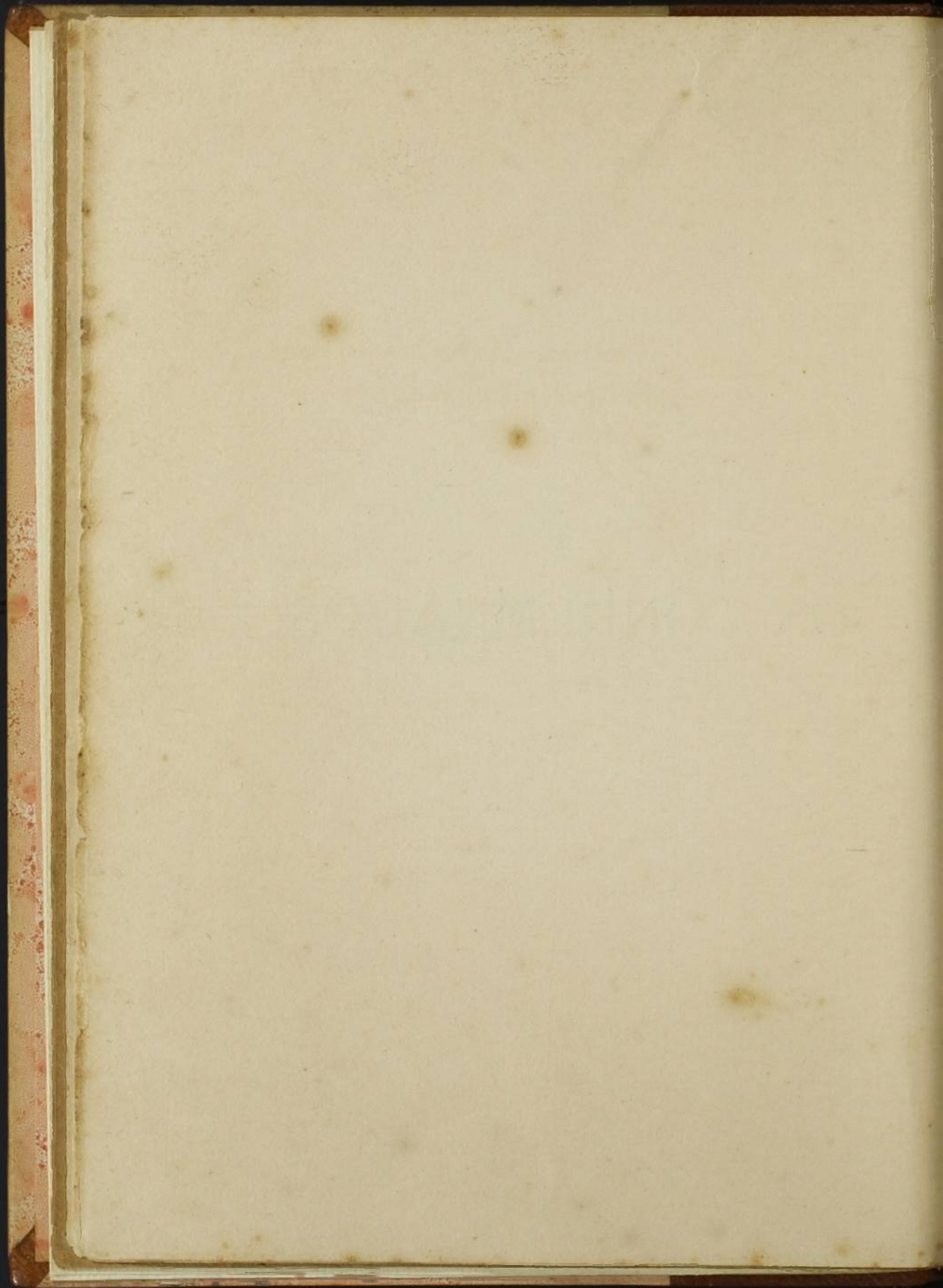
CONSAGRO

A TRILOGIA DO EXILIO

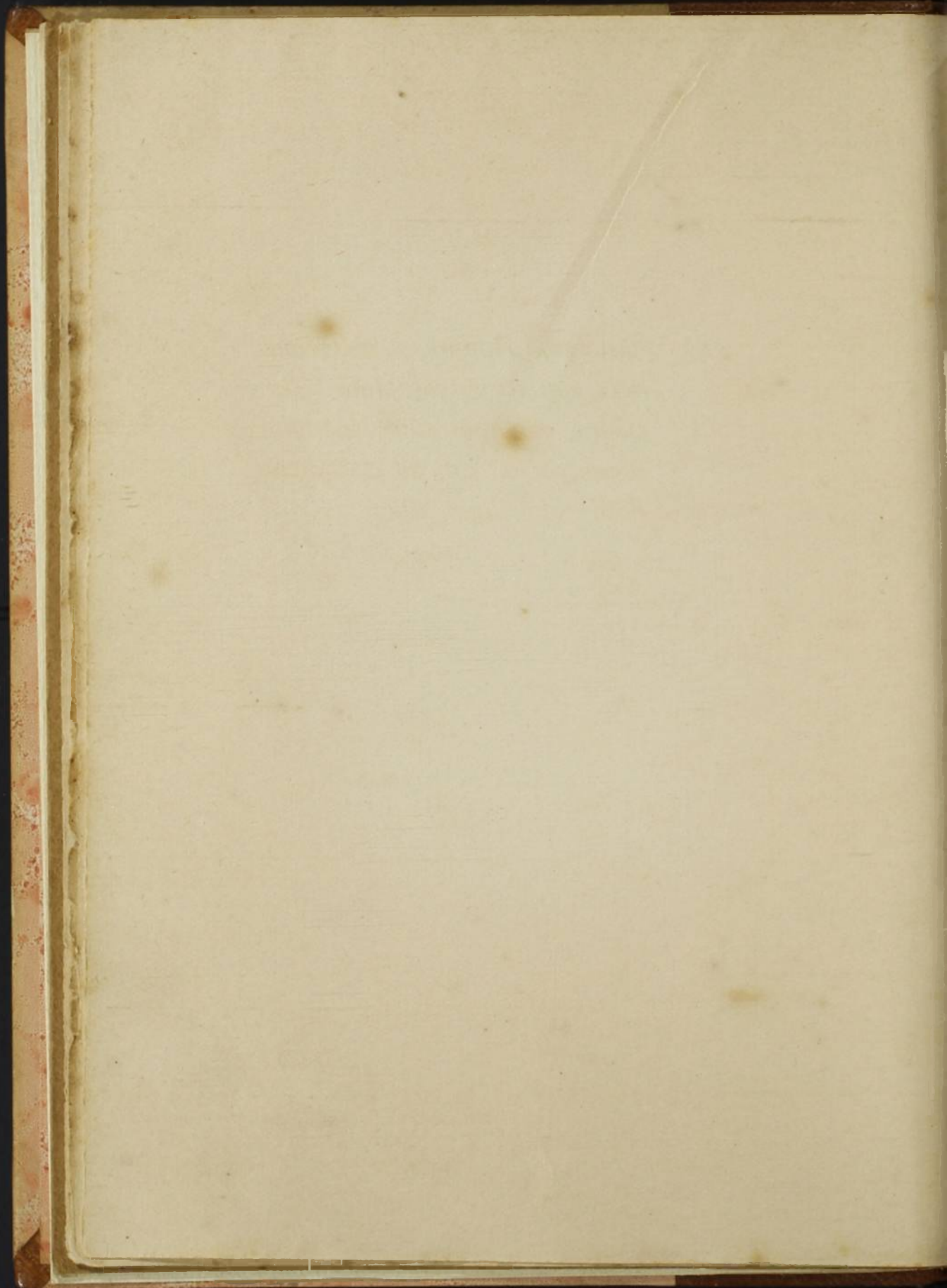


I.

OS CONDEMNADOS

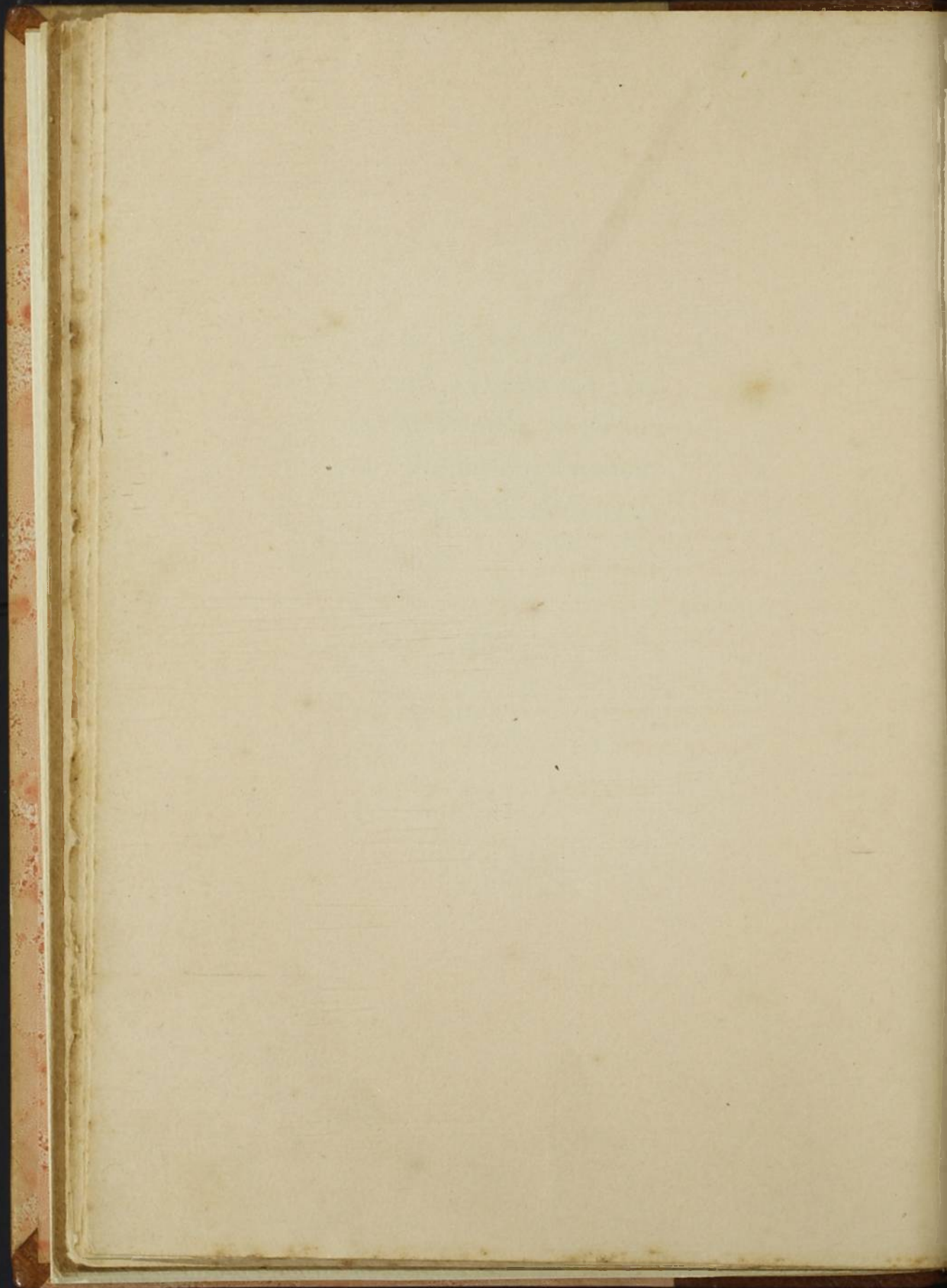


*Aos olhos que choram, ás esperan-
ças castigadas, aos lutos ob-
scuros.*



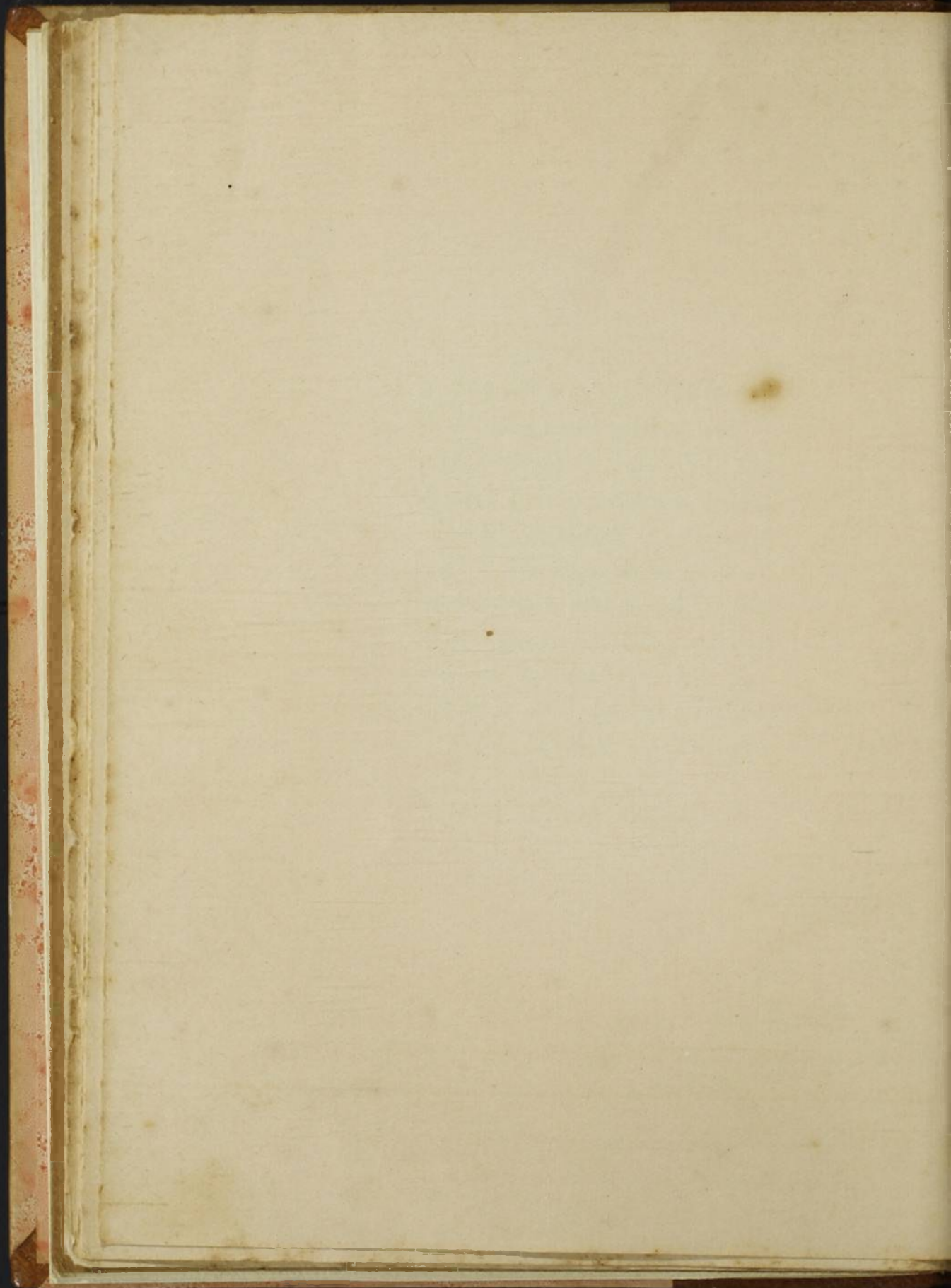
24. *Eiecitque Adam: et collocavit
ante paradisum voluptatis Che-
rubim, et flammeum gladium
atque versatilem, ad custodien-
dam viam ligni vitæ.*

Genesis, C. 3.



DES hommes, c'est à dire des êtres raisonnables, faisant partie de la cité des esprits, disions-nous tout-à-l'heure, et réduits presque à l'état de la bête: ne se doutant pour ainsi dire pas de ce monde supérieur pour lequel pourtant ils sont faits; si profondément enfoncés dans la matière que le reste, pour eux est comme non avenue; si totalement ignorants que la vérité, pour eux, est comme si elle n'était pas.

Ollé-Laprune - Le prix de la
vie. - Cap. 14, pg. 175.



O VELHO e o cãozinho foram andando na sombra enjoada da tarde. Tinham passeado muito. Dobraram a esquina da Rua dos Clerigos. Os vizinhos saudavam-n'os. Eram ambos antigos no bairro e na cidade. Nestas historias ha sempre um velho e um cão... que o diga amigo Dostoiewsky.

Alma havia regressado naquelle instante. Retirou a blusa, mostrando ao espelho do seu quarto guindado os alvos seios manchados de apertos.

Pensava: porque será que quando uma porta me machuca, me faz soffrer; quando bato a cabeça numa janella, choro de dor; e elle póde me cortar a navalha, não dóe: é delicioso!

Mas lembrou-se da Odette, que estivera com Mauro no theatro, elle contara. E ficou dizendo suffocadamente no quarto:

— Canalha! Bandido! Miseravel! Miseravel!

Transformava-se numa desencantada revelação. Ella que fôra apenas, até ahi, a criança fulva de olhos glaucos, pondo a silhueta destacada e a longa sombra nas corcovas aridas de Oblivion, ao sol, com Jorge, o primo de sorrisos sisudos; e depois da casa de louças fechada, a adolescente imprecisa, a netinha que preparava o banho morno do velho e fazia comer no melhor prato, na cozinha de terra, o cachorro pelludo e antigo — era agora, nos musculos de Mauro, a extravasante mulher, deflagrada num embate de complicações e de rodeios.

Chegou-se á janella. Seriam cinco horas da tarde; o velho e o cão passeavam ainda. Olhou a rua e descobriu, parado á esquina, contrito sob o chapéu de palha, o telegraphista pallido que a amava. Não a vira de certo entrar. Se soubesse onde ella andara, o que fizera... Alma teve um arrepio incon-

tido. Se contasse ao avô... Mas não: João do Carmo era um rapaz direito, incapaz dessas torpezas.

Elle já a percebera, de certo, no balcão. Puze-
ra-se a caminhar, num passo medido. Cumprimen-
tou-a. Foi-se. Queria casar-se com ella, mas nunca
ousara falar-lhe.

Pela rua, ia longe uma mulher de branco. Uma
carroça passou, tilintando. A tarde descorava.

E lá vinha elle de novo! Um subito nojo in-
vencível tomou conta de Alma. Teve o impeto de
gritar-lhe do balcão que passasse uma vez só, que
lhe deixasse ao menos a vontade de vel-o.

Fechou num repelão a janella toda. E, no es-
curo, uma pancada fulminou-a: Mauro!

Cahiu no leito.

Numa mobilidade de puzzle, a mascara alva
cascateou um choro desigual, com altos e baixos de
animalidade lasciva.

O seu leito pequenino, o confessorio enton-
tecedor dos seus sonhos... Alli, no roçar dos traves-
seiros alvos, ella aprendera a embellezar a vida...
Desmanchava as tranças vermelhas pelas fronhas,
alimentando a voragem intima. Xingava-o, rolando.
Era uma tristeza, no emtanto, que pedia mais, esse
soluço de ternura divina que a inundava num fluido

calido. Chamava-o com as pernas. Era uma gata ruiva... E esticava-se retesada de sensações para adoral-o. Vinha-lhe á cabeça uma tonteira gostosa e sentia as pancadas sublimes do seu amor... sim... não... sim... não...

Chegara a visional-o tanto, nessa louca illusão do sêr centuplicado, nas sombras beneficas do quarto, que o tinha perto afinal, victoriosa escrava... sim... não...

Lá fóra, na tarde despejada, João do Carmo, com um nó na alma, passava sempre encurtando as contramarchas.

E, no desencontrado idyllio, como um commentario da vida, ergueu-se, alongou-se pela rua e pelo ceu, um pregão triste da cidade:

— Pi...nhão quente!

Na sala espaçosa, com mesas cheias e bolotas multicores de papel nos lustres anachronicos, a desgraçada festa dos sem amor estrugia desde meia-noite.

Os enfeites ingenuos do tecto eram um sarcasmo para a rapariga canalha, vestida em vivo de gigolette, que dansava grudada ao seu par.

A orchestra, feita de um careca, de um mulato e de um artista, chorava no fundo de fumaça.

Um bebedo maxixou num bolo, com duas mulheres semi-nuas.

Uma canção canalha levantou gritos. A um canto, trepando uns sobre os outros, para ver o papel pautado, femeas e meninos esguelaram.

O dansarino, enroscado á mulher que espedaçava, provocou hurras hystericos.

Chamava-se Mauro Glade, e era filho confuso de confusos dramas da America.

Crescera á sombra espevitada de uma creada de servir, que dava o dinheiro do ordenado a um homem da vizinhança.

Tinha o pae, só o pae, de nome differente, mercieiro do Braz, grosso e insensivel como um cepo de açogue. E a vida por herança.

Investindo com unhas de atavismos piratas para os mundos coloridos dos dancings, fizera-se macho na meia-tinta embriagada dos prostibulos. Nunca trabalhara mezes a fio. E vestia-se bem.

Adunco, metallico, dansava nas ceias nocturnas como um deus decahido. E bebia... accentuando o rictus heroico que o marcava, e reforçando a epica suggestão canalha dos olhos pestanudos, que punham desfallecimentos no coração das asyladas dos bordéis.

João do Carmo approximou-se, no sereno da noite, para receber a resposta de sua ousada carta. Continha a felicidade dentro do peito musculoso de nadador; segurava-a como um passaro vivo. Ella estava alli, pallida silhueta, esperando-o. Immobili-sava pupillas verdes de velludo e crystal na moldura das grandes alvas supplices.

Elle continha a felicidade dentro do peito musculoso de nadador, segurava-a como um passaro vivo.

Interpellou-a, entregando-se todo, passando-lhe pelas grades, numa offerenda physica, os olhos e o peito que badalava.

Mas uma punhalada certa alcançou-lhe o coração confiante. O moleque Bastião entrou da rua. Ella dissera-lhe que tinha outro amor. Ficara conversando.

Pareceu-lhe ver o cão chegar-se latindo. Pareceu-lhe vel-a ir para dentro.

Caminhou na direcção do seu quarto. Recordava o dialogo. Ella dissera que preferia o outro porque elle a amava por vicio. Elle gritara estranguladamente que não. Era do fundo do coração que a queria.

Accendeu a lampada electrica. Sentia-se só no seu naufragio. Sentara-se. Depois, ergueu-se com um grito apenas suffocado. Andou. Repetiu com os punhos amarrados versos de Baudelaire.

Sentiu que qualquer coisa ria horrivelmente de si, da sua situação de telegraphista, do seu credulo romance, dos seus grossos musculos inuteis.

Chegou-se á janella num confuso palavrorio mental, onde havia muito destino, muita pesquisa do eterno coração das mulheres.

Encostou a cabeça á vidraça fria. E, da rua, subiu-lhe ás temporas, pelos ouvidos, uma vaia infinita de grilos.

Sahiu. Pela avenida, sob os bicos de gaz e as as arvores espaçadas, ia declamando todos os versos altivos que sabia. Recitava Bouilhet:

Tu n'as jamais été, dans tes jours les plus rares
Qu'un banal instrument sous mon archet vainqueur,
Et, comme un air qui sonne au bois creux des guitares,
J'ai fait chanter mon rêve au vide de ton cœur.

Descia desencontradamente para a Ponte-Grande. Largal-a-ia. Revelara-se de uma perversão inacreditavel.

Terrivel, lancinante, gritava pela Avenida Tiradentes.

Chegou á ponte. Havia gente parada. O rio, grosso e nocturno, rodava. E elle ficou chorando baixo, ao grande ar do parapeito, entre lampeões.

O velho Lucas, recolhido ante o oratorio pequenino e sem vidro dos filhos fallecidos, com santos nas paredes internas e uma corte de figuras celestes de diversos tamanhos, trazidos ainda do Amazonas, rezava por todas as madrugadas pallidas ou azues. Nada queria da vida que lhe dera alguma coisa e lhe tirara mais do que lhe dera. Tinha o cão pequenino, a neta ruiva, o moleque. E sabia que Deus o esperava no fim da tarde vacillante dos seus dias.

Oh! Mas aquelles bigodes estragavam-lhe o rosto. E a vergonha d'aquillo tudo, sem lagrimas, sem palavras... A Odette!

Alma caminhava como uma pessoa ferida. Não via ninguem nas ruas populosas. Carregava um amargor de predestinada dentro do pequeno coração. O gosto suffocante da vida invadira-lhe a bocca, a garganta, as narinas. Entregara-se já a tres homens differentes. E agora Mauro exigia que ella sahisse de casa. Era de certo mesmo a tola, a estúpida, que elle dizia, aos berros e aos soccos. Não podia deixar o velho avô assim. Depois que elle morresse, sim. Iria ao fim da terra, aos trambolhões cheios de lagrimas e com beijos ás vezes. Uma deslumbrada loucura parava-lhe os olhos verdes no fundo das olheiras.

Passou por ella alguem. Era sublime a vida assim nos pulsos implacaveis de Mauro. Mais... mais... Como elle não sabia ter piedade... como era forte... como era unico...

Alguem passou por ella. Tinha que sahir, deixar tudo, a casa, o velho, o cãesinho com que brincava.

Desceu longamente a Rua Florencio de Abreu. Chegou á Luz. Tomou a direcção do sobrado, no becco terroso.

João do Carmo cumprimentara-a duas vezes sem ser visto. Seguia-a de longe.

Uma surpreendente confiança voltara-lhe naquella caminhada, com o seu amor na frente.

O moleque contara-lhe que o outro tinha deixado de passar por lá.

Devia procural-a, affrontar uma situação definitiva. Alma era o apoio poetico da sua desgarrada existencia. Escrever-lhe-ia outra carta. Era verdade que o avô atrapalhava-lhes os planos. Não consentiria talvez no casamento. De certo era o unico estorvo da sua felicidade.

Na calma fosca da tarde, João do Carmo dirigiu-se para o club alacre nas margens do Tieté. Ia nadar na gloria dos seus musculos tesos. Havia de vencer a resistencia do tremulo velho, amigo do cão.

No entanto, ás vezes, um enegrecimento baixava sobre aquella tonteira.

Se, ao menos, Mauro a amasse. Se encontrasse nelle a correspondencia dos exaltados sentidos. Sabia que o adunco caften a trahia. Ao atravessarem agora o largo claro do Paysandú, no demorado occaso azul, vira-o sorrir para uma sacada. Tivera impetòs de gritar alli mesmo. Mas uma vergonha absurda, cheia da sua virgindade invencida, contivera-a, dissuadira-a. Seria possivel então! Tudo no mundo era trahição premeditada, engano mal-doso!

Mesmo os santos, de pé, no esburacado oratorio, não a defendiam. Ella queria só uma coisa, só um milagre — o amor de Mauro, a fidelidade de Mauro. Ou então, pelo menos, que elle não lhe jogasse ao rosto a sua facilidade de conquistas, o seu deboche insolente.

Sonhava de novo no leito, depois do jantar rapido, enfastiado, rolando a vermelha cabeça nos travesseiros molles. Qual... se elle lhe quizesse bem seria por um instante, enquanto durasse a sua mocidade rendosa. Depois, ella ficaria como essas outras, que aprendera a conhecer na casa de D. Rosaura. Não havia mesmo nada de bom na vida.

O remedio estava no champagne loiro, fervendo ás palitadas nas taças crystalinas e largas do rendez-vous.

A existencia era isso: uma torturada kermesse... Barracas ao vento, bandeiras, muitas bandeiras e a charanga do phonographo de guela monstruosa na sala escura, encerada e vasta, ou o som do piano... Dansar... como elle a enlaçava, o seu querido, o seu macho recurvo de olhos de platina! Queria um beijo, um beijo só e elle lhe negava... Do fundo do seu sêr maravilhado, bemdizia-o pela recusa. Era preciso subir, galgar, vencer obstaculos intransponiveis para que elle lhe concedesse o beijo supplicado.

Decidiram nervosamente. Sahiram, num taxi.

Na Luz, ella teve um fatalizado receio. O avô talvez já estivesse em casa. Que importava? Reagia um pouco na suave bebedeira que a tomara. Ia fugir,

deixar para sempre o velho, o moleque, o cãozinho. Teve um sorriso cruel.

Pararam longe, á esquina. Mauro ficou esperando-a, sem dizer nada, no fundo de couro.

Ella penetrou. O relógio antigo marcou a hora em seis badaladas metallicas, regulares, interminas. Ella trazia consigo uma triste tenacidade. Num susto, esvaziou as gavetas da commoda antiga, tirou duas blusas, duas camisas de dormir e as lembranças compromettedoras de Mauro, um vidro quasi vazio de perfume, um baton de rouge.

Estacou. Ouvira ao seu lado, no outro quarto, passadas vacillantes. Se elle viesse interrogar-a! Se elle abrisse a porta de repente!

Estava toda gelada. Mas o velho sentara-se de novo.

Viu Mauro lá fora, esperando-a. Não tinha tempo de se commover, de dizer adeus aos antigos moveis... Amarrotou tudo num embrulho, desceu cautelosa.

E abalou para o taxi, fazendo que não enxergava a vizinhança.

O telegraphista morava sem ninguém, num quarto de sobrado antigo, na Avenida Tiradentes. Para entrar, subia por corredores com degraus, atravessava um cubículo que atulhavam immensas malas etiquetadas de um vizinho. O quarto tinha a cama estreita, a mesa, livros e cadeiras e uma só janella, clareando o papel desbotado das paredes.

Sobre o leito, pendia uma gravura destacada de livro. Era Charles Baudelaire. Tinha um velho retrato da mãe morta, sobre a mesa desordenada.

Pairava sobre os seus dias o sonho de uma vida tranquilla com Alma, sob a guarda dos antigos deuses tutelares, numa estação ferroviaria minuscula. Premeditava o acesso na sua carreira longa e honesta. Levando o sonho fulvo pelo braço musculoso, deixaria São Paulo, os baf-baf das manobras enfumaçadas na gare magnifica, a solidão literaria e o sport no rio.

A familia, perdera-a em Pernambuco: uma irman louca num hospicio, um irmão padre. Depois da infancia livre, tivera uma educação confusa num collegio francez.

Chegara a São Paulo numa noite de garôa. Desembarcara querendo deslumbrar-se e fôra por uma rua de casas baixas e torpes, sob arcos de viaducto, até o centro enladeirado, buscando um hotel.

Um politico do Norte, devedor de favores antigos ao tronco extinto, recommendava-o bem. Foi posto no telegrapho da Estação da Luz. Ganhou logo a confiança amavel do chefe, porque, entrando de chapeu certa vez, tinha sido reprehendido por um impertinente e estapeara-o.

Começou a nadar no Tietê, lembrando-se da meninice no Recife.

No emprego, considerava-se um só, em meio daquelles inexpressivos burguezes de mocidade extincta, sem banhos ao ar livre, sem namoros sonoros.

Perambulava confusamente por estheticas e religiões. Compunha versos e tinha receio de mostrar-os. Uma noite, conhecera, apresentado por um estudante de pharmacia, tres latagões que faziam parte berrante da joven literatura cosmopolita da cidade. Atravessaram noites nos cafés, aborrecendo os garçons somnolentos e lendo-se. Applaudiam-se incondicionalmente, despedindo-se na madrugada de tilburys e bebedos.

Agora, o romance fulvo da Rua dos Clerigos absorvera-o. A's vezes, insomne e tragico, sahia do plantão numa urgencia de repercussões. Montava á penumbra confidencial de uma agua-furtada da Rua das Flores, onde Frederico Carlos Lobão, anafado e lyrico, o esperava. Expandia-se depois de

uma mudez de alto proposito. O outro, sem comprehender, ajudava-o numa longa e inutil peregrinação mental pela psychologia errada das mulheres e das coisas. No quarto abafado de morrinhas, construiam e destroçavam o mundo á vontade.

Voltava mais sereno para o seu bairro, sonhando. Dormia pelo dia a dentro, ia nadar nas tardes amarellas sobre o rio tumido das enchentes.

E na gare accesa, ao tlin-tlin-toc-toc do ganhapão, perscrutava inutilmente a janellinha de grades verticaes, doiradas, onde vira pela primeira vez passar Alma d'Alvellos. Tinham-lhe dito que estava doente, não a encontrara mais, fazia já tres dias.

A noite escoava-se no bocejo ruidoso dos outros e no passear intermino do guarda da plataforma. Elle, por uma superstição sobresaltada ficava vigiando sempre, um olho no teclado, outro lá fóra onde ella poderia passar.

O abandono da casa pela neta, a ausencia inexplicada ao jantar, a demora em não voltar até dez, onze horas, com o tic-tac apprehensivo do relo-

gio na antiga varanda, tudo ergueu pouco a pouco o velho Lucas num desmemoriado esforço.

Elle nunca presentira, no crocitar do homem curvo que a cozinheira denunciara, a seducção da sua criança.

A netinha ruiva era o resto de tudo o que perdera. Se o deixasse, ninguém mais o tratava, ninguém mais lhe preparava o banho morno. Mas saberia buscal-a. Ainda tinha relações que não frequentava, havia quantos annos. Mas voltaria, iria de um a um, dobrar os seus cansados joelhos... Procuraria, logo que amanhecesse, o capitão Marcellino, o Dr. Carlos Ribeiro, o velho Mascarenhas que era da policia.

Contaria tudo. Não haviam de deixar tirar uma menina honesta da casa de seu avô. De certo, prenderiam o miseravel.

O cão sonhava a um canto. Pareceu-lhe ouvir passos. Foi ver. O antigo coração atropelou-se. Não era ninguém. Sentia agora chamar na noite. Vieram-lhe duas lagrimas aos olhos seccos. Onde estaria?

Esperou o dia pardo. Fumara dois maços de cigarros. Sentia-se todo tremulo. Parecia-lhe que tinha morrido gente na casa.

Resolveu escrever uma longa carta ao outro neto, Jorge d'Alvellos, que estudava na Europa, na cidade de Roma. Não encontrou papel. Erguera-se com caimbras finas nas canellas de esqueleto. Andava num grande paletot, remendado por ella. Ouviu um barulho. Outro. O moleque levantara-se. Enrolou-se depressa no cobertor vermelho e rasgado, para não contar a ninguem que a neta fugira.

O cachorro pequenino, eriçado de pellos sujos, foi, num tic-tac matinal, saudar a patroazinha no quarto vasio.

Mauro juntou a vassoura rubra dos cabellos, na sombra do quarto despovoado, naquelle deserto da Penha. E lá fóra, passava um tilintar de chocalhos regulares.

Alma gritou:

— Perdão! Perdão!

Atirada pela mão divina que a estraçalhava, ao solo duro, cahiu e ficou esperando a morte que caminhava de certo naquelle ermo indefeso.

Elle ficou rodando pelos quartos nús, cheios de frinchas. E ella tinha a vista num só ponto — olhava a revelação pasmosa da vida.

Num corte de oiro sobre o negro soalho antigo, feito pela abertura de um dedo da janella, subia a poeira da casa revolvida. E nas soleiras, nos buracos de rato das portas, andavam manchas quentes de luz.

Ella esperava, justificando-se baixinho. O homem de Campinas enganara a propria D. Rosaura. Dissera-lhe que havia esquecido a carteira no hotel, dera-lhe um cartão. Diria isso tudo a Mauro, mostraria o cartão. Elle havia de comprehender. Talvez consentisse que ella o beijasse de novo. Levantou-se. Estava moida dos trambolhões. Chegou mansamente á porta. Elle rabiscava qualquer coisa com um lapis, á mezinha da sala. Foi indo. Elle a presentia sem se mover, de certo acceitava-a de novo... Foi, quiz enlaçar-o. Mas elle preparara-lhe a bofetada sonora. Preparara...

Tinha recuado, convulsa. Fora um golpe teso no coração, um abalo geral de todos os nervos, de

todas as revoltas, de todas as maldicções... E as lagrimas pularam, pularam...

Teve vontade de trepar pelas paredes de cal. Mas o corpo amolleceu-lhe nas escoras inuteis dos musculos, a cabeça tonteou-lhe.

Fôra voltando. Parara na cozinha — negra das antigas existencias calmas da casa de aluguel. Uma fita de dez cores passou pela telha-van, bandou-lhe os olhos.

Estatelou-se voluntariamente nos tijolos frios, ficou alli... Sentia uma dor sem raiva, no emtanto.

Teve ancias de vomitar: um soluço secco escancarou-lhe a bocca de repente. Se elle viesse vel-a!

O pensamento timido levantava-se-lhe em phrases: — Que coragem! Eu morrendo aqui! Não tem um pingó de caridade...

Contorceu-se de novo, num outro vomito sem resultado. Ficou tossindo, descabellada, partidas as cordas todas do sêr soluçante.

Baixou a ruiva cabelleira até o chão sujo e quebrado e a aureola de luz multicolor irisou-a.

Havia de constipar-se, entysicar... Os tijolos asperos horrorisavam-na. Pensou em ir para a cama... Não... Sim, devia ir... Podia fazer-lhe mal aquillo. Adoeceria de verdade, alli, naquella casa abandonada.

Fez do braço um travesseiro humilde... Que adeantava adoecer?

Um barulho levantara-se. Mauro andava lá dentro. Um arrepio começou-lhe no ventre, subiu. Foi perdendo a energia inteira. Até a força dos olhos glaucos cahiu... Estava sem saliva... e doia-lhe o coração de vinte annos.

Elle continuava a andar, a mexer nos moveis alugados... não iria decerto... Bom! Lindo! Em meio das lagrimas, um irreprimivel sorriso confessou-se... Cão! Mesmo assim, queria-o tanto!

Ia sahir, ia sim, deixal-a... Andava no tom decidido dos sapatos americanos... ia... Uma calma de novo na casa sonora... um arrastar de cadeira... ia... um arrepio...

Não ia... estava se demorando... que fosse! Não... se tivesse escutado!

Calma de novo... Ia... presentiu que ia mesmo... Esticou-se toda de bruços, querendo alongar-se como uma cobra até a rua... Tapou os ouvidos depressa e escutou perfeitamente, implacavelmente, o barulho estalado da porta fechando-se.

Lá fóra, sempre o tilintar de 'chocalhos regulares. Cacarejos. A tarde cahira. Haviam passado de ha muito, as ancias de vomito. O leito acolhia-a carinhoso, na penumbra nua do quarto.

E, calma, grande, desceu como uma sombra de nuvem num occaso lilaz, a saudade d'elle, a saudade...

— Vamos ao café, deixemos de falar do eterno feminino.

— A mulher é ainda e sempre a garantia da vida, sussurrou um magro, grisalho, de olhos verdes,

O velho baixo, de bigodes de chim, concordou num som roufenho:

— E' o unico amparo! o unico!

— Menos para o artista, menos para nós os artistas! gritou de dentro de sua encardida magua o gordo Frederico Carlos Lobão.

Incomprehendido e gesticulante, introduzira-se para tomar o café das tres até junto da banquetta serena de João do Carmo.

E na sala do telegrapho, o toc-toc-toc de cem vozes anonymas e dispersas falou, enquanto o servente negro enchia as chicharas da bandeja.

Lobão contara-lhe, fazendo psychologia errada, que Mauro Glade a tinha deflorado. Descobrirá.

E o telegraphista pretextara um serviço extraordinario para ficar dizendo na noite, sozinho, o nome sonoro do seu humilhado amor.

Depois, subitamente pensou que podia ser mentira, que devia ser mentira. Quiz procurar de novo o confidente imprevisto e teve pavor de saber mais.

Invadiu-o um definitivo estado de desastre. Dizia cheio de logica: coração de mulher, coração de rameira!

E rememorou longamente a unica vez em que conseguira vel-a depois da carta. Fôra ainda no portão. Era verdade que ella lhe falara ainda do outro, dissera que o amava. E elle tinha partido num impeto de jogar scenas de dramalhão moderno como vira por theatros. Fôra para o quarto com catadupas sonoras nos ouvidos e não dormira.

Agora, Lobão vinha dizer-lhe aquillo, brutal e guloso de desastres, sem contemplação, sem piedade. Tinha sido deflorada num rendez-vous.

Se fosse mentira, esborrachar-lhe-ia a cara empapuçada e cynica. Andava numa suffocação indizível. A suspeita enlouquecedora tomara-lhe conta do espirito inteiro, do corpo inteiro.

Caminhara horas e horas, desde a sahida do emprego. Foi para a cidade á meia noite. Entrou no centro numa psychologia de prestito.

Gente sahia aos magotes dos theatros. Parecia-lhe que todos o olhavam como se olha uma solenne passeata de desgraças, com cruz na frente e processionaes tocheiros.

O centro esvasiou-se, com os ultimos bondes assaltados pelos ultimos retardatarios.

Ia sem direcção, andando, os olhos presos inconscientemente nas luzes iguaes das ruas.

Uma sola da botina envelhecida despregou-se, fez-lhe o acompanhamento tropego da marcha.

Sentia os olhos pregados nas pestanas duras, a bocca num repuxamento grave de musculos. Tinha sido deflorada, ella... o seu fulvo sonho de amor.

Desceu por uma triste alameda, arrastando a sola ironica. Um som de piano fel-o estacar. Havia uma grande casa illuminada, entre arvores que rama-

lhavam. Na rua, junto a elle, varredores varriam folhas mortas, como destinos.

Na sala vasia, o piano resoava. Elle proseguiu, profundamente attingindo no seu profundo sêr. Passou ao bairro longinquo. Teve um gesto na direcção do becco, onde o seu amor talvez dormisse sem honra e sem socego.

E ao subir as escadas, tacteante na sombra, para o quarto desbotado onde vivia, molhou de lagrimas os olhos, que tinha exaggeradamente abertos.

Porque não agira? Porque não soubera enfrentar tudo, arrancal-a do outro e do avô? Porque?

Vieram os dias da desgraçada pesquisa do seu insolúvel inferno. Uma emoção barbara tomou-o. As tardes foram horriveis, as noites horrendas, as madrugadas lugubres.

Até o dia em que soube, pela vizinhança alarmada e risonha, que Alma voltara para a companhia do velho. E que passara a sahir todos os dias, bem trajada, com um sujeito recurvo e galhardo, que a esperava na esquina.

O dr. Carlos Ribeiro não quizera envolver-se no caso: havia abandonado a politica municipal. O capitão Marcellino não recebera o velho, na sua grande chacara quieta. O Mascarenhas tinha morrido.

Elle passou uma semana inteira sem banho. O moleque pulava o portão, desaparecia longas horas. A cozinheira servia-lhe o almoço e o jantar, insistindo para que elle comesse.

Vestia-se para sahir, para providenciar.

O cãozinho conversava com elle aos latidos longos, expressivos, num abanar de cauda que lhe indicava corajosos caminhos.

E nessa manhã de Maio, Alma apparecera no bairro, com o rosto borrado de um socco. Vinha num vestido novo e claro, de seda, sob um desconhecido chapéu. O moleque correu a avisal-o. Elle quiz esperal-a no quarto, no grande paletot azul, para extender-lhe o descarnado braço cheio de anathemas, quando ella soluçasse de joelhos.

Alma não vinha.

Um longo soluço envolveu-lhe o peito magro.

Desceu precipitadamente as escadas, para abraçar-a no portão. Ella ia entrando.

Na penumbra do velho lar, não estava nada mudado. Apareceram em silencio, pelo corredor, o moleque e a cozinheira. O velho perguntou-lhe se tinha fome. Ella ficou chorando num pequenino lenço, precioso e perfumado

Afastaram-se do bulicio cruel do bairro que commentava.

Estavam desolados e mudos. A paizagem renascida do outomno, invadia de oiro e azul a casa morna.

O velho Lucas, sentado ao leito guinchante, ouvia-a repetir as historias do homem adunco.

E as manhãs foram as mesmas de outrora, recordadas pelo apitar longo e successivo das fabricas do bairro.

O diabo satyro contara que era casado em Buenos-Aires e esperava o divorcio para legitimar aquella situação.

O velho, num desvairo, prohibira-a de sahir. Mas o homem forte e furioso começou a cercar a casa quieta.

O ancião fez a retirada heroica para a sombra do seu quarto.

Deus dissera pela bocca do propheta Jeremias, como cantava a Veronica nas procissões: *Attendite et videte si est dolor similis sicut dolor meus.*

O homem barbudo e simples que, no dia 15, veio trazer o aluguel das duas casinhas da Lapa, não approvou aquelle estado de coisas.

O velho expandira-se muito tempo com elle no jardim.

Tudo isso acontece porque a gente é pobre. Se o velho não fosse pobre, a policia o defenderia com os amigos alvoroçados e os soldados luzidos, cheios de botões.

Mas Frederico Carlos Lobão tornara-se o companheiro eleito das horas maguadas de João do Carmo. Num desperdicio verborrheico de analyse, commentava as mulheres.

Atravessava noites ao lado do outro, mudo soterrado do amor. E lá iam aos passos, num contraste. Lobão gesticulava gordo pelas ruas e praças, onde o vento do outunno abatia rajadas de folhas amarellas. João era todo ouvidos abertos.

— Eu incorporei a minha portugueza á massa das Evas perfidas. Você precisa fazer o mesmo! Coragem!

Desceram até a Ponte-Grande na tarde quieta. João do Carmo deixara de nadar, abandonara para sempre as madrugadas de remo na neblina. Os seus musculos decresciam. Pedira demissão do cargo de 2.º secretario do club.

Penetraram no jardim arborizado.

O sol tombante accendera os seus fogos dentro d'agua. Nadadores sahiam com corpos perfeitos, de animaes, da toalha negra do rio. Recolhiam-se barcos esguios. No ceu houve um desperdicio de colorido longinquo por traz da Floresta. Depois uma ultima rubescencia morreu e a primeira estrella, muito alta, luziu.

E tudo engrandeceu, tristezas e aguas, na noite que chegava.

No escuro inutilmente mystico, entre extases, braços abertos, illuminações, resplendores e maguas de patriarchas, o Senhor Jesus da capa roxa, amar-

rado pelos pulsos, tinha a corôa de espinhos burlescamente de banda, como na noite de Caiphaz, em Jerusalem.

Em sua frente, o velho Lucas, sob o desfiado algodão dos cabellos, encolhido e magro no leito guinchante, escutava passar nas horas immensas uma procissão de enterro sem musica.

E, no outro quarto, Alma, com um relógiozinho de pulso que ganhara, sentia que a vida era uma cavalgada de faunos pela terra.

Mauro recolhia todo o dinheiro arranjado em casa de D. Rosaura. Ella não ficava com coisa nenhuma.

Era uma luta estabelecida, clara, com sortidas e embates, recuos e rendições, entre o casten branco e a covardia rica da cidade. Elles iam todos, os vadios da sociedade chic, os velhos vermelhos do São Paulo Club, os arrivistas commerciaes, levados na volupia de possuir num leito rendado de casa suspeita, a desvirginada do bairro distante, cuja innocencia a senilidade tremula e ingenua do velho avô

garantia. Era um caso raro: uma menina de familia brasileira, educada para as devotações burguezas dos lares obscuros, e que rolava num esbandalhamento de gritos e surpresas, pela rampa mirifica das prostituições sensacionaes.

Os poucos que a haviam conhecido nos bons tempos, quando o avô Lucas, depois de fechar a sua casa de louças, fôra cinco annos gerente de uma grande firma, na Ladeira João Alfredo, punham um requinte que os suspendia nas tremulas escoras sexuaes, gastas pelas vidas de regulado deboche, em ter alli, no quarto de penumbra medida, consigo, no leito, as recordações honestas da familia impolluta, que a vida estatelara de costas no colchão dos vencidos.

Não era ella — o corpo imperfeito de adolescente, o rosto martyr sob o capacete desfiado dos cabellos fulvos, e a inexpressiva sexualidade dos vinte annos. Não: era o caso, a neta do velho, a prima do esculptor que estudava em Roma, a creança sem defeza que punha um pudor doido de punhos convulsos no acto nefando, para gozo maior e volupia mais cega dos impotentes do amor.

Era um estupro diario, um desvirginamento de todas as horas, o sacrificio diabolico d'um retractil hymem psychico que resistia á onda impura, creava

barreiras divinas á barbara devastação e apenas amava, amava, amava o seu algoz inflexivel.

Mauro offerencia-lhes o defloramento sem complicações, sem consequencias, a bom preço, longe da escalada nocturna ás pazes tutelares de onde elle a tirara num longo soluço de iniciações.

Passado o primeiro mez de suffocação idiota entre braços alheios, Alma no entanto, se repuzera, se affirmara. Era uma féra enjaulada, na casa exquisita onde a vendiam.

Muda, sem seducções a não ser a da sua mocidade banhada de sol e a da sua tristeza banhada de lua, incapaz de agrados e de falsificações, esperava a hora do leito como um doente que esperasse a hora inadiavel da morte.

O homem moreno e flacido, de bigodes bem tratados, sorria depois da gelada posse, dando-lhe a nota brilhante.

— Cuide de si. Não entregue a elle tudo que ganha!

Aquelle interesse fazia-lhe subir um asco secco á garganta. Olhava o interlocutor com vontade de cuspir-lhe no rosto cynico todas as cobras que a faziam engulir. Elle vestia-se sem pensar na filhinha de dez annos que se phantasiara de Camponeza da Hollanda para o ultimo baile do Internacional. Ia

contar ao club avido que possuira a menina ruiva, commentar-lhe os seios redondos e brancos que apenas entrevira sob a camiseta pudica.

Ella ficava á espera de outro, entre as demais asyladas, quieta, tetrica, na sua juventude doirada.

O casten vinha, risonho, pallido das noitadas. Ella dava-lhe tudo — a vida e a lama: os beijos que eram seus, que guardara só para elle, inviolados aos labios de acaso que a tinham suffocado, e o dinheiro, o dinheiro á bessa que lhe punha uma aureola de super-humanidade entre os seus irmãos aduncos de seita:

— E's um felizardo! E's um felizardo!

Nos dias mornos da casa suspeita, entre reposteiros, Alma perdia-se ás vezes em pensar no que fariam a essas horas no sobrado antigo, o avô deshonrado e o moleque e o cão. O velho Lucas não sahia mais, tinha uma vergonha infantil dos vizinhos maldizentes. Uma tarde, ella chorou. Perguntou-lhe uma mulher compassiva a razão daquellas lagrimas.

— Ellas vêm. E' preciso pol-as para fóra.

O contacto diario com o nauseabundo typo de calva integral no sorriso, no couro, na alma e na vida — o repulsivo gosador morto das migalhas da existencia e das sobras do amor, o burguez do dinheiro, sem educação e sem vergonha, posto de balandrau na comica procissão tragica dos gozos da terra, foi formando em Alma um desvio de dolorido cynismo. Pensavam que ella era como as outras e talvez tivessem razão. No emtanto, ás impene-traveis reservas da sua candura, subiam ás vezes faiscas doidas.

Aquelle dia, entrara na casa, posando desde a porta um olho clinico de entendedor, um medico de craneo chato que parecia apertar chatos pensamentos.

Apresentaram-na numa apresentação humilhante — a unica a que ella tinha direito. E elle disse:

— Conheço-a de fama.

Ella ficou offegante no seu canto. Era conhecida de fama... O velho Lucas, o cão, o moleque, o

telegraphista, todos morreriam de syncope, um atraz do outro, se ouvissem.

O homem sentou-se numa segurança de bonzo que adivinha thronos por todas as banquetas onde se pagam bebidas. Fez vir chartreuse, fez vir benedictine, fez vir pippermint.

Ella era forçada a servir-se com as outras, em redor do senhor momentaneo do ambiente. Aceitou sem gestos o calice côr de losna e provou.

E a mulher gorda, em quem a presença do freguez excellente accendera, entre rugas, os olhos avaros, poz-se a repetir o elogio gravado na sua pobre cabeça de quarenta annos d'aquella vida bebeda.

— E' de fazer inveja!

— Porque? sorriu com dois dentes na bocca trevosa o amarello calvo.

— Porque todos a querem.

— Eu não faço questão.

Examinava-a.

Oh! as humilhações da vida, as humilhações que precipitam em vontades de chorar a circulação já doente do sêr convulso e maguado. Ella sabia que não valia nada, sabia por Mauro. Mas aquelle homem tambem não valia nada, era um nojento bem vestido, como um cadaver.

O calvo analysava-a. Disse duas pilheiras grossas. As mulheres riram attenciosas. Levantou-se. Concentrara o seu exame parvo na figura ruiva, de cabeça baixada. Não teve a ultima coragem, a de dizer alto que a queria. Sahiu para a saleta. E d'ahi a pouco, D. Rosaura voltava para buscá-la.

— Não vou.

Houve uma estupefacção na sala das vendidas. A discussão em voz alta cresceu. Numa indignação surpresa, a castina sahiu e voltou.

— Dá até quinhentos mil reis.

— Não vou!

E nessa noite, na Luz, Mauro resurgiu para atirar-lhe ao rosto, com toda a sua raiva de cocaína, um sapato americano, depois de a ter garganteado nos lençóis.

O avô conduziu-a machucada e livida até junto do oratorio extatico.

E ella poz-se a pensar em Mauro: como elle era lindo, como tinha razão contra os outros!

Na sua garçonnière de cretone bulgaro, o medico de calva chata commentava com gente de sua classe bem posta.

— Quem a vendeu foi o avô. Tive-a hontem depois de muita fita. Agora o velho e o outro repartem os lucros.

Plou! Plou! Um pedaço de pau na torrente da vida.

João do Carmo conhecia quasi toda a verdade. E viera-lhe, num accesso de lancinante despeito, a decisão de possuil-a sem amor. Ser Don Juan por

desastre sentimental era a sua excusa, o seu programma.

Poz-se a provocar encontros com Alma, na volta habitual da cidade. Ella tivera um arrepio intimo, ao vel-o pela primeira vez. Voltara o rosto bruscamente, instinctivamente, fugindo á fulminação daquelles pobres olhos trahidos.

Elle saudara-a com a velha palheta, amarella das garôas, num sorriso onde ia todo o seu esphacelamento.

Regressara sobre os proprios passos para vel-a entrar: queria que ella o presentisse ainda, o cumprirentasse ainda.

Mas Alma fugia como uma ave baleada. Bateu o portão, entrou.

Em cima, no balcão de jasmins, nem signal de vida.

João esperou anoitecer, rondando para cá e para lá... Achava absurdo que ella tivesse passado incolume pela sua sugestão amorosa e constante.

Na rua, claudicou longamente, com moleques atraz, uma carroça de reclamo de circo.

Abordou-a afinal. E tacteando a enovellada tragedia, como quem teme uma explosão suffocante, falou vagamente da verdade.

Ella se mantinha n'uma attitude de reserva e dissimulação, recostada, muito fulva, rescendendo a Yvonne, nas velhas grades do jardim. Parecia ter o rosto martyrisado e maior.

Desviara-se, por uma convenção piedosa de ambos, a vida do asylo de D. Rosaura. Ella parecia sensibilizada. Puzera-se a sonhar.

E no intimo do telegraphista, cresceu de subito uma magua profunda contra aquelle portão, em que o outro a seduzira. Disse mal, hyperbolicamente, dos varaes, onde a pintura se chagara em longos annos. Passou a insultar a sombra dos canteiros mal cuidados. Alma reagiu espicaçada.

— Foi aqui que conheci a minha desgraça e o meu amor.

João correu avido ao encontro do proprio sacrificio horrendo.

— Estavas pensando n'elle?

— Estava...

— E' verdade?...

— E' verdade.

Foram chicotadas de aço na noite.

Um moço bem vestido, com um monoculo arregalado na pupilla direita, apertou a campainha do rendez-vous. Seriam dez horas da noite.

Uma mulher de cabellos curtos e loiros, veio abrir e desapareceu para o interior, numa corrida de louca alegre.

Na sala encerada e escura, onde ao piano tangava um rapaz curvo, um sujeito, afundado na cadeira de couro do canto, sorria por debaixo dos bigodes. Ladeavam-no, muito perfiladas em outras cadeiras, uma inglesa que era professora de bailado e uma chilena grávida de sete meses.

A mulher de cabellos curtos e loiros fez sentar o rapaz de monoculo, disse-lhe num tropel que D. Rosaura estava occupada, que quem mandava aquella noite era ella e que havia outras lá dentro.

— Você sabe, a Pippermint está ahí!

Num afobamento de dona de casa, tirou a jaqueta azul, fez servir whisky por um garçon grave. Da blusa sahia-lhe sob a oxigenada cabelleira, o pescoço alvo e curto. O rapaz enlaçou-a e beijou-lhe a pelle branca e quente. Ella enervou-se: estava to-

mando conta da casa, não queria saber de ninguém. E foi para dentro aos pulos.

Ao som indisciplinado do piano, onde a chilena grávida se sentara, o rapaz curvo e a professora inglesa dansaram. A loirita voltou trazendo uma mulher extática com olhos parados, numa toilette pisada.

O piano claudicou.

Era a Pippermint, que tivera uma tragedia longinqua e andava bebedeira pelas ruas e praças. O Benzinho da Bolsa de Mercadorias amava-a dedicadamente.

A alcoolica espectral parou. Da garganta sahiam-lhe sons inapreciaveis. Perguntava quem a tinha chamado. A mulher loira sentou-a como um bonzo magro. Repetiram-se as bebidas.

O rapaz curvo voltou ao piano.

Uma fulva creança de vinte annos veio vindo lá de dentro com um velhote. Parecia tonta. Ensaizou no meio da sala alguns passos esbeltos, á tarantella que resoava. Ria-se numa desigualdade de tons, roçando pelo velho o corpo juvenil e mostrando a perfeição dos dentes. A chilena grávida, na sua poltrona, esbodegava-se de alegria expansiva. A inglesa torcia de riso o corpo franzino.

Convencido, surdo á algazarra, o pianista continuava, de costas, a sonora melodia napolitana.

A menina de vinte annos, que tinha o extranho nome de Alma, centralizava as attensões, fazia monices ao musico, jogava as pernas para o alto. O rapaz de monoculo, que se levantara, passou-lhe a bocca duas vezes pelos cabellos desgrenhados e côr de labareda.

O homem, afundado na cadeira de couro do canto, deixara de sorrir por debaixo dos bigodes e espatifou de repente um copo no soalho. A bulha cresceu.

O rapaz perdeu o monoculo. A professora ingleza gritava para a bailarina improvisada que executasse a Dansa das Horas. Bateram palmas. O velho quiz intervir. O rapaz, que perdera o monoculo, investiu para atracar-se com elle. Houve um tumulto. O piano parou. Mas um coro de adhesões desencontradas e bebedas estrugiu, convenceu:

— Dansa! Dansa!

O moço zangado desfez a tromba: comprehendeu que estavam todos alegres. Só a Pippermint se conservava seria, de olhos fixos, immovel na sua cadeira. O velho foi sentar-se rindo.

O rapaz curvo annunciou que ia tocar a Salomé, aos berros; voltou de novo as costas; começou uma escala no teclado.

Esganando-se de gozo da vida, o velho disse que era São João.

Então, ante a alegria tocada de furia sensual da disparatada assembléa, com grandes risadas de abandono, as faces em tijolo, os verdes olhos mortiços, Alma dansou a versão lasciva de Oscar Wilde.

A vizinha redonda da frente que costurava com as filhas e tinha, em letras pretas, um cartaz na janella: *Faz-se point à jour e trou-trou*, chamou-a no começo caricioso da noite e perguntou-lhe se não precisava de um manteau e de um renard.

Num divan, Alma supplicava ao lado de Mauro. Elle permanecia impassivel, fumando.

— Que bom ter um filhinho, um filhinho teu!
Deixa-o viver...

— Tens certeza de que é meu?

— De quem pode ser?

Erguera-se muito seria; deitou de novo a cabeça e ficou quieta.

— Não custa nada, disse elle. Conheço uma italiana que faz isso.

— Não quero, não quero, Mauro.

— Mas eu quero.

Houve um silencio.

— Eu morro d'isso, murmurou Alma, num presentimento.

E Mauro disse:

— Se morresse!

Mauro deu-lhe a mão, fel-a levantar-se, depois de um instante. No leito, ficaram coagulos quasi negros de sangue.

Encostada a elle, Alma sahiu cambaleante e sorrindo. Tinha um medo enorme de que o avô soubesse.

Quasi morrera. Passou uma semana tragica num quarto de D. Rosaura, que a tratou.

As outras foram visital-a. Contavam-lhe as vidas iguaes e os amores iguaes. Todas tinham um homem adunco que as espancava e lhes tirava o dinheiro precioso. E falando de Mauro, todas lhe diziam, encordoando os pulsos rachiticos:

— Se fosse commigo!

O velho avô permaneceu dias e noites na fogueira accesa dos seus nervos. Fungava no leito, pensando na desaparecida. O cão, sobre o tapete desfiado, somnambulava antigas caçadas de ratos.

O quarto escuro illuminou-se d'aquelle sorriso, a casa torva tambem, a cidade crepuscular tambem, o ergastulo do mundo tambem.

Sozinha, sentindo os seios doloridos, ella apertara um biquinho duro e vira, num assombro, despontar do imperceptivel manancial uma gotta branca de maternidade.

Sentindo-se melhor, sahio chorando, na madrugada. Tomou um taxi chorando, foi para casa chorando. O chauffeur tinha uma cara redonda e branca. A cidade neblinava indifferentemente.

Camilla Maia, uma perdida elegante, veio visitá-la, com o seu pequeno sorriso, na Rua dos Clerigos. O velho Lucas não disse nada, deitado no leito guinchante.

Numa sentida raiva, lembrava o Amazonas, onde vivera, e os sobrinhos que tinham querido Alma

em pequenina e depois o haviam abandonado. Anthero d'Alvellos, fazendeiro rico em Yacanga, havia de pagar, depois da morte, tamanha desgraça.

João do Carmo levantou-se ás duas horas do dia quente. Alma, na vespera, fingira não o ver.

Foi procurar Frederico Carlos Lobão na sua agua-furtada de desenhos grudados. Não o encontrou. Tornou desolado ao quarto da Avenida Tiradentes. Lobão esperava-o á porta. Trazia uma novella, cheia de psychologia, no bolso. Leu-a, num banco calmo do Jardim Publico da Luz com a voz tonitroante, acompanhada de gestos gordos e eguaes. Esfalfou-se nos pedaços maiores. De longe em longe, aves excitadas gritavam. João distrahira-se. Com os braços cruzados, ouvindo confusamente, pensava em Alma.

Depois de lhe pedir a opinião com sinceridade, Lobão passou uma descomponenda nos governos que não protegem os artistas nem aproveitam as vocações.

O telegraphista, de folga, tinha a noite livre.

Falaram litteratura. João do Carmo empolgou-se um instante, mas veio-lhe logo uma canceira mortal. Dentro d'elle havia só o coração que amava.

Lobão propoz que jantassem no Hotel Rebecchino. Rachariam a despeza. Sentaram-se ao fundo da sala pobre. Casaes com creanças e homens simples do interior vieram devagar, apinharam as mezas, onde espigados vasos de vidro punham notas fanadas de flores.

Ao calor amavel de um botelhão de Chianti, Frederico Carlos foi imprevisto, foi pictoresco. Para o outro, um instante esquecido, narrou uma viagem que fizera ao sul de Minas.

Seriam oito horas quando subiram ao centro. João do Carmo teve um lancinante silencio, pelas ruas, sem ouvir o bohemio que falava sempre.

Na esplanada do Municipal, a fanfarra da policia tocava um trecho da Bohème de Puccini, em meio do povo. As saudades falhadas cresceram no peito amoroso.

Deram de cara com um amigo commum, só, parado em nervos, no Viaducto. Chamava-se Dago-berto Lessa e nunca conseguira nada da vida. Dis-

se-lhes do chofre, como quem tem uma velha idéa a despejar:

— A esperança é um espeto onde sempre falta o assado.

Lobão desemburrou-o á força de risadas gelatinosas de todo o corpo. João despediu-se, cada vez mais vencido.

E ficou andando, sem destino, até a madrugada perfumar os jardins calados da cidade.

Alma queria ter um gatinho, passal-o no decote do vestido, pelos seios nús.

O velho pedira-lhe que sommasse o caderno da venda. E, como antigamente, ella dizia alto, na meza, recoberta pelo desbotado panno xadrez, perto do moleque, crescendo, de pé, escutando:

Fubá... 400 réis; alpiste... 400 réis; cebola... 200 réis...

O alpiste era para a colleirinha bisonha que o avô comprara na porta numa ingenua festa, quando ella regressara.

Mauro reappareceu.

E ella teve dias pela casa, sentindo um aperto em cada canto; outros, uma alegria em cada porta. Interrogava as paredes, o passarinho, o cachorro idiota e pelludo.

Voltava-lhe ás vezes, para inundar o coração pequeno, aquella tristeza que pedia mais...

Mauro levou-a para jogar pocker a uma casa baixa e illuminada da Ponte-Grande.

Oh! que canceira fulminea da vida aos vinte annos!

Deitou-se ao leito conhecido, com um telephone á meza da cabeceira. Tinha fechado a porta para que ninguem viesse. Tomou o boião de ether do aparador. Ensopou dois lenços de linho.

Aquella molleza gostosa... uma vertigem fria subindo... e uma vontade indecisa de não sei que... subindo sempre... Afrouxara-se-lhe o nó da vida... O homem de preto era côr de cinza... Aquella cara... Uma vertigem bôa que a levava... E o passarinho ria calado... ria... côr de palha... Caras... Caras... Caras... Subindo... Porque tantas caras? E a molleza amarella que a abraçava, que a levava, que a suffocava de labios tontos... Levava-a, fazia-a rodar e subir frio... As caras desfilavam, subiam, fugiam, sem barulho, sem nenhum barulho... por impalpaveis salões... por...

Esperou o velho dormir e veio num bonde até a cidade. Estava num tailleur esbelto, de gola alta.

Os convites de aventura passavam por ella, sem accordo.

A fanfarra da policia concertava ao ar livre, no amphitheatro de luzes do Municipal.

Sentou-se a uma das ultimas mesas. Pediu whisky. Achava horrivel a droga, mas bebia até perder a ultima vigilancia da lucidez.

Fazia-se tarde. Foi pelas ruas andando. Um gemido integral do espirito, com vontade de ser gritado, afogava-se dentro della.

A madrugada surprehendeu-a, mysteriosa, num jardim de chorões. Ficou parada na ponte abaulada, sobre o lago sujo da Praça da Republica. De repente, gritou. Um vagabundo que bebia agua na concha das mãos, entre pedras, ergueu a cabeça apprehensiva. Perceberam-se num mutuo receio. E partiram em direcções oppostas, pela noite.

Eram sete horas. Ficara no rendez-vous o dia todo e não acceitara ninguem. Tinha fome. No bairro distante, o velho avô havia jantado o seu pequeno jantar, dando de comer ao cachorro.

Ella agora não sonhava mais, como em creança, ter um marido, uma casa com creados, bebés de cachos e laços de fita na cintura.

Foi procurar Mauro no bordel da Yvette, para pedir-lhe cinco mil reis.

João do Carmo tomara-se de uma suprema inquietação amorosa.

Ante o espelho quadrado que servia para a toilette improvisada dos seus dias, achava-se macerado como um suave peregrino. E repetia fitando Baudelaire :

L'amoureux pantelant, incliné sur sa belle,
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.

Quando percebia Alma, num procurado encontro, sentia cem trombones funerarios tocarem-lhe aos ouvidos escancarados. Tinha um sincero pasmo pela coragem lendaria de Othello. Se fizesse um fim de drama como elle!

Vinha-lhe uma sensação de frio no peito. Queimavam-se-lhe as pernas. Tinha uma dor physica de cicatriz aberta no coração. Lagrimas corriam á tóa e brutalidades estrangulavam-se-lhe nos punhos.

Alma trouxera um charuto havano para o velho Lucas. Mauro tomou-o.

E o telegraphista abordou-a resolutamente de novo, numa aurea tarde do bairro populoso.

Dagoberto Lessa, andando com João, encontrara-a de vestido ligeiro, sapatos de pelica branca, num canotier insolente e manifestara por ella um culto apaixonado e cynico.

De modo que não fôra difficil, para o namorado, tel-o por conviva no festim de imaginação que se offerecia continuadamente, com um possivel futuro, fulvo e ridente, onde entrava resignado o necessario

de pouca vergonha. O grande assumpto de ambos era ella. João mentia ao outro, desviando para horisontes lyricos, a historia da sua perdição. Repetia-lhe os antigos dialogos. E contava-lhe como amava apesar de tudo, animando o deserto nocturno dos viaductos.

O velho esperava que a neta viesse. Ella promettera assistir á entrada do anno novo, em casa, deante das imagens antigas acompanhando o terço, como nos annos passados.

Num cortiço vizinho, haviam improvisado uma orchestra de negros.

O avô, tendo o cão deitado alli, rezou sozinho o rosario precatorio, com o moleque de olhos brancos, escutando, ante uma vela vacillante.

Na cidade extensa, as fabricas annunciaram sonoramente que a crosta velha do anno se despegava da terra juvenil. Os mil apitos cantaram, cantaram. O velho imprecava, o moleque respondia devagar, o cão adormecera da melopea religiosa.

São José, de dentro do velho oratorio, olhava

impassível, tendo o menino ao collo — o mundo simplificado em azul nas mãos polpudas, com uma cruz em cima.

Lá fôra, tocava a orchestra melancolica de negros.

Alma ficara tomando champagne na casa de D. Rosaura. Sahiu á tôa pelas ruas encantadas de movimento nocturno.

Na esperança do anno melhor, um bar do Triangulo atravancava-se de gente feliz. Ella sentou-se a uma mesa esquiua.

Ficou deante de um calice, ouvindo a musica emocional, na noite ruidosa.

A seu lado, em outra mesa, um moço sordido discutia com um velho ponteagudo, de olhos canallas. Subito, o velho piscou para ella.

A madrugada cidadina escoava-se. Foi para casa num taxi. Encontrou tudo escuro e fechado.

— O Lobão é uma vela apagada no altar da intelligencia humana.

João do Carmo desfranziu a carranca sentimental, sorriu. Estavam na confusão ruidosa da noite de janeiro de uma taverna central.

Sob as luzes espirradas, Dagoberto Lessa parecia mais calvo no contraste dos pontudos bigodes ruivos. Valorizava-o um imperturbavel ar serio.

E, de dentro de João, vinha por vezes uma insensata vontade de acaricial-o.

— O Lobão, o Telles Aguilar e o Pinto Pé de Anjo recusam-se a subir ao segundo andar da intelligencia humana. Têm medo de que desabe o elevador.

O garçon achegara-se, com o guardanapo sob o braço de alpaca, num grande aspecto afarado.

— Cognac! gritou o disilludido. E você?

— Kirsch... para evocar.

— Outro dia, reli o *Jardin d'Epicure* e quebrei a caneta. Prefiro escrever um volume sobre estrumes humanos. Imagine você se eu escrevesse um

livro como esse! A res-pon-sa-bi-li-da-de! Que seria de meus filhos? Você sabe que tenho cincoenta.

Houve um silencio, no barulho. E o homem continuou:

— Nasci para fazer a grande arte, mas resolvi fazer a pequena. Vou só responder a enquêtes.

Emborcaram calice sobre calice e o palrador chegou ao caminho ensombrado das confidencias.

— O triste, o tragico de tudo é que me casei por amor! Tinha vinte annos e preendi-me pelos primeiros olhos que me chamaram a attenção, sem indagar se elles diziam: “somos intelligentes”, “somos compassivos”, “somos idiotas”. A creatura era pobre como o Lobão. E quando pretendi tirar-lhe faiscas da alma, nada! Escuro como o cerebro de um tenente de cavallaria.

E depois de um tempo, consolando-se:

— Emfim essa historia do meu casamento foi imbecil, mas foi de artista, de grande artista, foi que nem a historia de Jean Sébastien Bach.

Esvasiou mais um calice de um trago e sorriu com um sorriso physico de musculos relaxados. E como recrudescesse em torno a balburdia do bar, largou da bocca um insulto grosseiro e colectivo. Depois, fitando no outro os grandes olhos serios:

— João, aqui nesta sala ha cincoenta homens,

quarenta e nove são infames! O que resta sou eu ou é você...

Voltou ao casamento, discutiu mulheres e, de repente, lembrou-se de Alma.

— Essa sim! E' a unica! Se fosse commigo... Do thesouro de Creso que tens, tiras duzentos reis e te contentas! Eu me extremaria, me arruinaria. Porque acceito tudo, o tragico e o comico, com dignidade. Desejo, em amor, apenas isto — o sacrificio integral do meu proprio individuo. Imagina, João, fazer chorar sobre o meu desastre todos: os empregados dos bancos e das confeitarias, as senhoras caseiras e as horizontaes...

Deante do outro que se crucificava na cadeira, o calvo proseguiu, ás braçadas, o seu sermão de lagrimas.

— Estou grávida, sim...

Ella estacara com o tapa teso, as duas mãos mantendo as temporas, chammejante e immovel.

— Esta cabeça que já é tão dolorida!

Depois, crescendo, transfigurada:

— Estupido! Gritarei até vir gente! Gritarei...

O caften saltou, derrubou-a, quiz por-lhe um pé no ventre importuno. Ella debatia-se. Largou-a esmantelada e foi-se.

Permaneceu até tarde naquelle quarto claro de D. Rosaura. Queria ter o seu filho, fosse como fosse. Viu ao espelho o rosto machucado, sob a ruiva cabelleira, dispersa e mal junta, o olhar enfaiado no luto das olheiras.

Deitou-se humildemente. E de subito, no escuro, accendeu-se a entrada luminosa da pensão da Odette. Mauro já estaria chegando lá. As outras estariam correndo para elle, como pavões, aos gritos...

No fundo nunca analysado de João do Carmo, uma honestidade engrossava, como o rio nas enchentes.

Por aquelle fim morno de dia, elle tinha-a afinal alli, no seu quarto de telegraphista, abrindo a janella unica para a paizagem mediocre de quintaes, que o perturbava.

Ella viera com elle, num saltitar ligeiro de tacões, a gostosa nudez apenas disfarçada pela saia preta e pela blusa de seda.

Numa sinceridade de confiança, acolhera-se na cama, ao lado d'elle, a cabeça vermelha recostada ao seu largo peito athletico que fremia. E contava-lhe historias da vida.

— Conheces Camilla Maia? Esteve lá em casa hoje, outra vez. E' uma creatura alegre, esperta. Mas não tem cabeça, arranjou um filho. O filho foi para Tremembé. Esteve lá em casa, desde o meio-dia.

Depois reflectindo:

— E' verdade o que você me disse? Que vae para o Rio? Não, você não pode me deixar. Eu não tenho ninguém...

Debatia-se, num carinho pedinte. O peito do moço arfava. Elle vencera, afinal de tanta esperança, a dolorosa partida. E num confuso labyrinth de sensações e raciocinios, não sabia crer.

— Eu gosto tanto de você! murmurava Alma, quasi chorosa. Não quero que você vá...

Vinham á cabeça de João madrigaes inúteis. Elle não sabia tel-a alli, como um bom macho. Ri-nava obscuramente o seu amor triumphal. E ella, na sua cabeça tonta de ouro ruivo, ia pensando que seria com elle a burrada definitiva. Elle era bom não a deixaria nunca mais.

Um sentimento recuado para as reservas mais longinquas do seu sêr de menina, vinha enternecer-lhe os gestos leves. Ella enroscava-se toda no homem forte e bom.

— Você conhece aquelle?

Alma levantou a cabeça surpresa, olhou: João mostrava a photographia arrancada de livro que se suspendia a um prego, na parede sobre o leito.

— E' Baudelaire.

— Seu amigo?

— Não. Um poeta. Um grande poeta...

— Parece um padre.

— Você sabe francez?

— Um pouco.

Elle ficou numa lastima vexada, certo de que um soneto de Baudelaire, cantado pela sua voz cava, resolveria, melhor que tudo, a hora tentadora.

Ella estava alli, ella, ao seu lado, no seu quarto. E como parecia differente desse mesmo sêr, que o

obsecava a ponto de acompanhá-lo em todas as silhuetas esbeltas, que passavam nas ruas agitadas. Era ella, a que elle sonhava ter deante do club aquatico, numâ incontida vaidade de noivo gigolô, por um occaso sobre a Ponte Grande, quando o sol liquido nadasse, ao rythmo de um barco que os seus braços levariam...

— Car j'eusse avec ferveur baisé ton noble corps...

Ficara quieto, esperando. Ella perguntou-lhe com olhos cortantes, se estava caçoando.

— Ora essa! que idéa...

Uma frieza passara entre os dois corpos. Alma deu um pulo do leito, voltou-se para um canto, subiu a seda frouxa das meias.

— Preciso ir, vamos?

Elle refizera-se todo já prompto, cavalheiresco e solido, disposto a acompanhá-la, a obedecel-a, a morrer por ella.

E foram em silencio, baudelairianamente, pelas ruas geladas.

O velho Lucas queria liquidar o seu antigo debito hypothecario da Lapa.

Os homens da Companhia de Desenvolvimento tomar-lhe-iam as duas casinhas que lhe rendiam a vida.

Tirou do guarda-roupa um velho fraque, vestiu-o. Estava com as mangas curtas, teve a impressão de que crescera. E ficou alli, sem animo de sair, festivamente vestido.

Pela manhã, vinha-lhe aquella aguaceira aspera, amarga e inutil á bocca salivosa.

O avô não desconfiava de nada. Se pudesse dormir sempre, sempre. Mas o somno fugia-lhe num galope como a vida. Fazia immensas madrugadas nullas. E uma suave angustia tinha-se lentamente obstinado no seu antigo peito calmo.

Alma gelava-se toda ao imaginar que elle viria, mais dia menos dia, a saber.

O pretexto de encontrar-se com Mauro a tinha salvo até ahi. Mas o casten havia de deixal-a tambem.

Foi numa loucura, que ella começou a autorizar o telegraphista a definitivos compromissos. Agora, todas as noites, era elle, como Mauro antigamente, quem passava a horas certas. Fiel, humilde, como quem nada espera e nada merece, falhava só nos dias de plantão.

O moleque, espionando do balcão, dizia á ruiva cabeça inquieta que o Carlito estava na venda da esquina.

De modo a ser um irreprimivel sorriso a saudação de inicio, quando ella descia.

Punham-se a falar de tudo. A vizinhança não notava mais, como outrora. Forçada a todos os cynismos, Alma soubera penetrar em casa da mulher de frente, do lojista, da vizinha do sobrado. Resistia-lhe, ao lado, um funcionario magro, de bigodes baixos que se chamava Quincas e tinha encardidas filhas curiosas.

— Sabes? Camilla deixou o Mattos...

— Elle não era correcto?

— Correctissimo. Não ha homem como aquelle! Mas a paixão d'ella agora são os meninos do Mackenzie. Está farta das roupas e das joias que o Mattos lhe deu...

João sentiu um vexame de não lhe poder offe-

recer tambem aquillo. Se ella quizesse comprehender-lhe o thesouro de amor. Esse era seu, fôra sempre seu...

Perguntou-lhe despeitadamente por Mauro que deixara de apparecer. Se não voltasse nunca mais... se morresse...

João palpitava de profundas esperanças. Oh! Se fosse possivel tel-a afinal só para elle, mesmo assim, prostituida, desmoralisada, vendida á cidade...

Ao encontro dos seus inconfessados desejos, ella veio uma noite, timida, suave, transfigurada.

A sua vida não tinha sido como diziam: ella não era a debochada que pensavam.

Na sombra tropical, sob o peso lascivo dos jasmims, rescendia-lhe o corpo claro a Yvonne.

E o coração do homem bom badalava que sim, que ella não era a debochada que queriam: era santa, era santa, era santa!

Foi assim que João veio a saber a relação romantizada do dia a dia pobre d'aquella vida, que devia ter sido salva pelos seus braços musculosos.

Elle tinha acompanhado de presentimentos inertes o demorado martyrio.

E porque não interviera antes, não gritara á policia, aos que passavam, á vigilante inquisição terrena? Porque?

Emtanto, Mauro apparecia, naquelle romance, santificado. Nem uma queixa raivosa contra elle, nem uma dor maguada contra os seus processos terrificantes, nem um insulto.

Uma vez, exigiu que ella dissesse mal d'elle.

E Alma recusou-se, estagnada, no jardim.

Elle partiu, gesticulante, pelas ruas do bairro. Passou, de novo, meia hora depois. Ella havia ficado sentada aos degraus da entrada, pensando. Quando percebeu a silhueta longa, sob o chapéu de palha, correu nos tacões, gritou. Elle veio. Ella estava disposta a dizer todo o mal insincero de Mauro, para que a salvassem da final colera do velho... Mas o passeio, o ar da noite, o tropel das reflexões e o amor

o tinham dissuadido suavemente. Elle não pediu mais nada. Ficaram até tarde amorosamente se perdoando.

Alma tomou nas duas mãos, que tinha grudadas ás grades, a resolução sobrehumana de explicar-lhe tudo. E elle não comprehendia, embevecido no idyllo em que se lhe apodrecia beneficemente a vida.

Como ella lhe tivesse telephonado para o emprego, interpelou-a chegando. Alma sorria numa malicia visivel e triste.

Elle ficou suppondo que se tratasse de uma reaparição intempestiva de Mauro, de um retorno amoroso ao velho par.

Mas, subito, a um gesto largado e proposital d'ella, percebeu o ventre saltar, como uma cobra que morde, na roda frouxa do vestido. Uma suspeita enlouqueceu-o. Seria possivel... elle andava tão longe!

Interrogou-a empallidecido como um morto que falasse. Ella permaneceu linda e quieta, de ciliolios baixados.

Era verdade! Alma estava grávida, agora que o amava, que era o seu futuro, quasi que a sua noiva redimida! Estava grávida de outro.

Tão visível fôra a expressão de horror na máscara do moço namorado, que Alma, de alvas escancaradas, falou num salvador instincto:

— Sei que sou indigna do teu amor. Sou uma infame.

Elle partira sem dizer nada. Fôra andando. Ella ficara presa ao portão, numa resignada e tremula angustia. Sorria da sua negra sorte invencida.

Elle caminhava sobre as ruínas do seu sonho desfeito. Todos os seus gestos eram desencontrados e pediam piedade para o alto. Oh! a idéa fixa de jogar um dramalhão definitivo — matá-la e matar-se, encher de sangue os jornaes!

Recapitulou tudo pela noite ahasverica. Deitou-se ás tres horas raciocinando sempre, de olhos enormes. Chegara á porta infernal de um dilemma: o amor perdoa tudo, resgata tudo — elle não podia perdoar.

E cahiu ao leito antigo e duro, até o sol vir espancar o pesadelo da terra.

Dagoberto Lessa fechara com elle camaradagem diaria.

Andavam ao léo pela cidade, ou paravam no escuro ambiente das cervejarias do centro.

Uma noite, João do Carmo penetrou, sob a capa de borracha inundada de chuva, na casa que o outro habitava, com a familia numerosa, 46 Rua Monsenhor Anacleto.

Resolvera contar-lhe tudo, pedir-lhe conselho, direcção, auxilio, salvamento.

Num pijama de listas, o calvo ria-se muito de o ver assim, naquella primeira visita, vindo nervosamente a pé, sob o aguaceiro que lavava as ruas.

João atirou a capa encharcada ao chão. Sentou-se e desabafou.

Do quarto vizinho, a lithurgia da casa vinha num vago trá-lá-lá de adormecer.

O apaixonado falou, falou, até despejar a alma entumescida de segredo. E perguntava repetidamente, de olhos fixos, se ainda devia crer na honestidade della.

O outro distrahiria-se, pensando. De repente. abriu uma caixa que se dissimulava entre livros e tirando um caderno branco:

— Vou corresponder á tua confiança.

Tinha um aspecto de revelação. Numa cautela, abriu um maço de paginas escriptas, accendeu um cigarro:

— E' uma corôa de lembranças tecidas no anniversario de um primeiro beijo...

E de olhos medrosos para a porta interior, leu soturnamente, evocando uma luta, uma resistencia, uma cabelleira virginal e um vestido branco.

Não queria ir. Mas cedeu.

Foram passar juntos o dia 13 de Maio, em Santos. Dagoberto recitou versos, depois do almoço, na praia de sol.

O comboio sahiu lentamente da penumbra da gare. João do Carmo fechou a vidraça e atirou-se ao lado do companheiro no sofá do carro.

Deixavam Santos pela extensa chapa de vegetação rasteira, que a circumda. Passaram o pantano tropical e a ponte de ferro sobre a agua côr de aço. E o trem abalou em demanda da serra, que se calafetava de neblina no fim da tarde de outomno.

João tocava no fundo de um bolso, o lencinho rendado de Alma, em que, na vespera, ella puzera o grande beijo mudo da despedida. E apertava-o na mão segurando nelle a dadiva inteira do sêr estremecido.

Tinha regressado ao portão e sentira que uma especie de compromisso occulto, de trevoso noivado, desafiara e vencera o enxovalhamento maximo. Agora, tudo predizia a alliança immortal dos dois desgraçados destinos.

Sim, elle podia crer no amor definitivo de Alma. Ella tivera duas lagrimas silentes ao vel-o voltar. E na vespera, naquella ermo da rua, ao contar que ia a Santos, a sua angustia nervosa crescera de ver os bellos olhos verdes e maguados dizerem a tristeza indizível das separações.

O trem parou em Piassaguéra. E, mais lento manobrou para apanhar a engrenagem da rude escallada. Na noite que baixava, envolvendo a natureza, olhos claros de locomotiva focavam trechos de chão, sob os limpa-trilhos negros, de onde sahiam até perder-se no escuro as fitas afiadas dos rails. E, de longe em longe, succediam-se as luzes baças dos signaes.

Um barulho rascante de rodas começou, ao mesmo tempo que o trem era levantado mollemente na primeira ladeira da serra.

Alma contara-lhe apprehensiva que tinha notado uma accentuação de mau humor no velho. Que iria succeder? Era impossivel casarem-se logo. João afastava essa idéa para um futuro longinquo, como as grandes redempções dos ultimos actos. E o avô? Havia de saber mesmo a verdade inteira. Mas a possibilidade de precipitar-se a catastrophe de uma expulsão era visível.

As rodas cantavam, levando o trem montanha acima. A's vezes, havia uma imprevista parada na

noite avassalante. E ficavam alli os passageiros, sentindo subitamente morta a gigantesca engrenagem. Mas um outro troço de vagões illuminados passava no sentido contrario. E recommençava a lenta viagem.

Alma amava-o, sim. A noticia da separação ligeira de um dia tivera como illustração deliciosa a reconciliação truncada pelo sentimento do abandono. Agora, quando chegasse, ainda passaria por lá.

De novo o trem parou ao lado de uma usina cahida sob a linha. O folego robusto de um respiradouro soprou, fazendo montar na treva golfadas brancas de fumaça. E, de novo, o comboio moveu-se.

Passaram a noite dupla dos tunneis. E as primeiras luzes do Alto da Serra annunciaram-se com a mudança favoravel de nivel. Passageiros levantavam-se, falando em jantar. Ao lado de João, Dagoberto olhava-o, dizendo:

— Que silencio!

Um asco voltava no emtanto, fundo, avassalador, horrivel. João queria ainda repellil-a, desres-

ponsabilizar-se d'aquillo tudo, fugir. Mas ao vel-a nas noites prolongadas do portão, chorosa e entregue, o seu triste coração centuplicava-lhe os perdidos gestos.

O avô mudara lentamente, num prenuncio de crise tetrica.

Esperava a entrada das estações num incon-tido nervoso.

A Companhia de Desenvolvimento annunciou-lhe, numa bella carta escripta a machina, que não reformaria a hypotheca vencida. O cãozinho pelludo quasi perdera a vista.

Passou a fumar decuplicadamente, em silencio. Se fosse possivel embriagar-se ou então morrer, acabar! Pensou uma noite em atirar-se da Ponte-Grande. A neta, havia de ir buscar o seu velho cadaver, encalhado numa margem do Tietê... E os jornaes falariam bem d'ella.

Mauro, depois de uma escandalosa briga de cabaret, fôra denunciado á policia.

E João do Carmo anciava pelo desenlace esperado do drama lancinante de seu sonho.

Uma noite, Alma evocou-o numa suave lembrança. Então, num despeito, João mentiu que elle fôra preso.

Ella teve um repentino espanto. Depois, deixou as grades e um choro rebentou-lhe pelo olhos, pela bocca, pelo nariz. Buscou um lenço nervosamente na abertura clara dos seios. E ficou soluçando baixo entre os canteiros.

João estacara numa surpresa desolada e muda. Conversaram ainda, quasi hostis, numa ternura que soava falso e vasio.

E o telegraphista foi visitar de novo os cem caminhos doloridos da cidade.

O velho ficou á espera da neta no paletot remendado, até dez e meia d'aquella noite, sem se deitar.

Presentia lá fóra o idyllio. Não iria desmanchal-o, recordando um insulto, que levara no rosto, do outro: o maldito, o casado, o aranha vermelha.

Aquella casa que ainda palpitava das recordações da esposa santificada pela morte, aquella casa fóra o theatro da sua revoltante deshonra. Alma era indigna do seu obstinado amor. Antes a tivesse abandonado á gula ricaça de Anthero d'Alvellos.

A porta da entrada rangeu. Alma penetrara num vento subtil. Percebeu surprehendida, que estavam accesas as luzes. Ouvira um arrastar precipitado de chinellas. Estagnara geladamente na passadeira do corredor. O espectro domestico appareceu. Chamou-a sem voz. A cabeça tremia-lhe incontidamente. Avertava um cigarrro apagado na mão.

Alma tinha os olhos redondos, a bocca immovel. Uma inexprimivel tortura suffocava-a, no vestido humilde e antigo.

O velho descobrira de certo tudo. E ia falar-lhe, dizer-lhe o crime horrendo, o crime de ter um filhinho. Porque o seu passado torpe desaparecera: a prostituição, o aborto, a vida canalha entre braços desconhecidos que pagavam. O crime era ser solteira e deixar viver no seu amago a scintilla humana, e defendel-a, e amal-a.

— Vá para a rua! Procure caminho! Esta casa

é minha, sempre foi minha. Faça a sua mala e desapareça! A casa é minha!

Então, do peito que se opprimira espedaçado, saltou a innocencia de tanta miseria. Ella era uma coitada que ninguem soubera defender. O que lhe acontecera era o resultado do seu desamparo. As filhas que não têm mãe nem pae são assim mesmo.

O velho quiz discutir, gritar. Mas como ella continuasse, ficou escutando. Baixou a cabeça ante a eloquencia imprevista que pulava aos golfões da bocca tremula e rubra. Terminara. Houve um silencio. E ella disse ainda que não sahia porque não tinha dinheiro e não tinha onde dormir.

Do sêr convulso as lagrimas saltaram naquella confissão de desgraça. O velho desnorteara-se choroso. Talvez devesse perdoar. Ficou andando para cá e para lá, envenenando-se de fumo e de lagrimas grossas, enquanto ella foi sentidamente se deitar.

Sahira pelas ruas, obedecendo o anathema da vespera. A manhã era toda cinza no ar, no ceu, na gente.

Chegou á estação da Luz. Teve uma vaga repulsa em pensar que podia encontrar a figura importuna do telegraphista. Queria estar só, com a sua tragedia estalada.

No Jardim Publico aberto, a natureza despendeada e matinal, arfava ao vento. Atravessou-o em recta; sahiu. Encaminhou-se por esquinas populosas e pobres. Estava no Bom Retiro. Desceria até lá em baixo, até as varzeas finaes da cidade. Levava, no seu bojo crescido, o filhinho que vivia, que seria seu amigo.

Bondes passavam peçados de populares, garotos brincavam em bandos maltrapilhos, carroças iam lentamente.

Chegara a uma rua sem calçamento que se perdia no campo. Penetrou numa estrada terrosa aberta na relva pisada. Em sua frente, desenhou-se a sinuosidade do terreno onde corria o Tietê. Num porto quieto, carroças recolhiam areia. E o rio appareceu de vidro, á flor das margens calvas.

Vaccas paravam, na distancia. Um cãozinho ladrrou.

A cidade mudara de silhueta. Um vento rispido aggrediu-a. O grande Jesus da torre tutelar do Sagrado Coração dava-lhe as costas. Pensou va-

amente em se matar, por vingança, em apparecer boiando nas aguas glaciaes, como uma Ophelia de gravura.

As carroças enchiam-se lentamente de areia peneirada. O quadro simples de rude trabalho attraheu-a. Teve uma vontade de viver assim, entre animaes soltos e gente descalça.

Um cheiro malsão, vindo da embocadura dos exgottos cidadãos, persistia.

Voltou. Refez o caminho andado. Não iria mais para casa. Uma mão persuasiva afastava-a do refugio antigo, como uma condenção, pelos hombros. Não tornaria mais. Alcançou as ruas populosas. Estava perto do Jardim.

E, de repente, sobre um immenso muro vermelho, desenhou-se, na pallidez do dia, uma silhueta lepida de soldado. Trazia uma carabina a tiracollo e andava para cá e para lá. Logo, além, na continuidade intermina do muro, outro soldado appareceu como o primeiro, caminhando tambem, vigilante e solido. Eram os fundos da cadeia da Luz.

Aquelles dois soldados renovavam-se alli, dia e noite, para atirar, implacavelmente, sobre os condemnados que quizessem fugir.

Tomou depressa um bonde que passava para a cidade. E partiu á procura do bordel onde Mauro de certo estaria dormindo com aquella viciada da Marguerite.

Elle fel-a entrar no quarto elegante em que morava, sobre o tumulto de um restaurante nocturno na Rua Conselheiro Chrispiniano.

A' claridade fechada, ella viu sobre o leito exiguo, recoberto por uma colcha felpuda e multicolor, um cão cinzento e enorme, estirado nas duas patas tranquillias. O animal, sem erguer a cabeça, balançou a cauda contente.

Mauro foi acariciar-lhe a pelle luzida e grossa.

Ella examinou retratos semi-nús de mulheres, em leque, sobre o leito. Sentada a um canto, os seus olhos esfomeados pediam. Elle deu-lhe duas pratas para ir almoçar.

Passaram o dia juntos, fazendo malas. Elle partia na manhã vindoura para a casa de um tio materno em Guaratinguetá. E, para dormirem, tomou um outro quarto da casa de commodos mobilados.

Havia apenas uma lampada perdida num desmesurado abat-jour. O quarto atufava-se de estofos, de moveis, de pequenos nada's subltis e amaveis. Sobre o penteador de tres espelhos, fazia parada todo um arsenal de mystificações da belleza. Ella apreciou, num vago deslumbramento, as escovinhas para maquillages, de diversos tamanhos, os pentes recurvos, os cosmeticos de todas as cores, os boiões de perfume de todos os estylos, as crèmes, os aparadores complicados das unhas.

— Nada d'isso presta, commentou Mauro dei-

tado, em cuecas de sêda. Só ha de bom artigo allemão. E, durante a guerra, não vem.

Elle conservava o seu prestigio integral de bello macho, feito na intimidade das prostituições.

E Alma, vendo-o tranquillo, forte, como se nenhuma sombra pesasse sobre os seus dias, ficou accordada, pensando.

Uma pendulazinha occulta palpitava na sombra. Os seus olhos haviam-se habituado ao escuro. Ella percebia a dobra longa das cortinas, as portas talvez. Claridades estylizavam-se pouco a pouco.

Vinham do interior da casa risos macabros. Eram os freguezes que chegavam e partiam. O relogiozinho pulsava, regular, impressionante, como uma voz de outro mundo. A noite andava lá fóra de muletas.

Um braço ficara preso sob a cabeça pesada de Mauro e doia-lhe. Que bom correrem as horas! A terra andava levando o enterro dos vivos. O enterro começava no dia do nascimento de cada um. Um dia vencido era um passo para a morte, para a libertação.

Entravam num tropel, lá dentro, os retardarios.

E a noite andava de muletas e olhos fechados.

Acompanhou-o, risonhamente, até a gare, pelas ruas. Um carregador seguia-os. O trem partiu, levando-o num sobretudo cintado de sport.

Rodava agora, feliz e sem destino. Penetrou no Jardim Publico. Nos canteiros matinaes, florescia toda uma natureza postíça e nova: rosas de bazar, margaridas de panno.

Uma noite mal dormida descabellava as arvores. Havia lampeões altos, semi-accesos. Uma fonte de inexpressivos tritões pingava agua, rusticamente.

Sentou-se a um banco e ficou pensando no telegraphista, no filho que pulava lá dentro, e em Camilla que puzera para fóra, num hospital, a sua ultima asneira.

João do Carmo, num velho pijama descorado, pensou que era sonho. Fel-a entrar, como Rodolpho

na Boêmia, como quem mais? Procurava inutilmente, na cabeça litteraria, comparações, quadros lyricos identicos, estados d'alma irmãos. Como estava magra sob o chapéu de tafetá!

Partiu num desvanecido anceio, voou sem rumo certo, para servir-a, para salvar-a. Era preciso arranjar um quarto onde ella morasse. Fôra expulsa por sua causa. Era urgente, era urgente!

Lembrou-se de correr á delegacia de São Caetano, alli mesmo, onde Dagoberto Lessa trabalhava. Era elle o homem capaz de indicar-lhe o necessario ninho. Penetrou. Uma alegria commovida prendia-lhe o peito forte.

Dagoberto ouviu-o. Depois, uma gargalhada sarcastica estalou na sala occupada de mesinhas desertas. O calvo havia aberto um livro enorme e preto de assentamentos. Ia continuar o serviço. E repetia:

— Você está louco, homem! Louco furioso! Dou já parte á autoridade.

Mas João insistia, numa cara soffredora e energica.

— E' um caso em que ponho a minha honra de homem...

— Qual honra, nada! Bóta o gado numa pensão e fica sendo o gigolô!

O namorado gritou rubramente:

— Não admitto torpezas! Não admitto!

Ia sahir. O outro chamou-o, medroso.

— Bom! Não precisa se zangar. Mas ouça o que lhe digo. Você se arrepende desse passo, seu João!

E levantando-se e buscando a farta capa hespanhola num prego:

— Estou ás suas ordens. Vamos. Não se discute.

João do Carmo, desarmado, procurava desculpar-se para com o serviçal, que exaggerava, desarticulado em gestos ponteagudos:

— Não se discute! Não-se-dis-cu-te.

Sem outro assumpto, o apaixonado foi dizendo pela rua populosa:

— Trata-se de um caso triste. Você sabe...

Reconciliaram-se na caminhada para a Luz.

Dagoberto envaidecia-se de aventuras, ante a

benevolencia exaltada de João. Conhecia uma mulher optima para o caso. Fôra até parteira.

— De quantos mezes? indagou.

— Que mezes?

— De quantos mezes ella está?

— Não sei. Não perguntei.

Dagoberto continuou o elogio das virtudes da mulher:

— D. Genoveva é um anjo que usa chinó.

Tinham tomado um bonde do Bom Retiro. Apearam na Rua Aymorés. Bateram a uma casa baixa de porta e janella. Houve um arrastar de pés vagorosos, lá dentro. E D. Genoveva abriu.

Foi uma festa. João sorria satisfeito. A mulher tinha um quarto desalugado. Havia brigado com o casal que morava n'elle e o homem — um porquêra! — sahira espalhando que lá era casa de rende-vú. Por isso não acceitava mais mulheres. Olhassem aquelle socego. Na sala da frente, morava o Seu Julinho, da Secretaria da Fazenda; no primeiro quarto um capitão da policia. E ella costurava.

Mas a intervenção de Dagoberto foi convincente. Era um caso diverso. A menina estaria alli só durante a gravidez.

A mulher piscou e riu com dentes de velho narfim. Depois, pediu que lhe adeantassem dois nezes de aluguel.

Um navio destaca-se do caes... a vida. Um navio destaca-se do caes...

Na manhã indecisa, D. Genoveva bateu á porta do quarto. Trazia, n'uma bandeja de reclamo, o café differente e fatias cortadas de pão. Uma touca de rendas recobria-lhe a cabeça curva.

Combinaram mandar um carregador buscar as roupas que haviam ficado no refugio distante do avô, na Rua dos Clerigos.

O sol banhava numa festa o sobrado pobre

do velho Lucas, crystalizando os vidros, pondo tremulas irisações nos canteiros da frente.

O carregador appareceu ás dez horas.

A cozinheira gorda que fôra ao quarto tinha voltado, dizendo pela casa :

— Hum ! Hum ! Sinhô tá ruim. Eu hoje sonhei cum sapato. Vae vê...

Foi á porta attender.

— Que roupa nada ! O véio tá morreno. Bastião, oia, vae com esse home buscá sinhazinha. Diga pr'ella que o véio não dura nem esta noite.

De facto, a vizinhança invadiu a casa entragiçada pela annunciação da morte.

A mulher roliça que fazia trou-trou e vendia roupas, offereceu-se prestimosa e sorridente. Appareceu o Seu Quincas do lado, erecto e hirto, gloria de irmandades e repartições. Cumprimentara o doente durante vinte annos.

O velho tivera um colapso. Deitado, a barba crescida no rosto côr de terra, fazia uma dobra no pequeno leito desconjunctado.

Chamaram um medico moço. Elle chegou á tarde e disse rapidamente, na sala de jantar, aos circumstantes, que era do coração, — um caso perdido.

Seu Quincas esperava ficar só. Quando a mulher gorda partiu, fez o moleque sahir e exortou o moribundo a tomar as ultimas resoluções.

O desgraçado tinha os olhos humildes e grandes nos lençóes sujos. Estava em camisa, no paletot azul. Teve uma crise ao saber que morria. A voz encanudou-se-lhe na bocca sem dentes.

E, tetrico e solenne, pediu ao outro, impavido e sombrio, a vela com que se transpõem as eternidades.

O sobrado pallido passou, por tabellião, solennemente, no alvoroço do bairro, para o patrimo-

nio da Sociedade Defensora e Benemerente dos Empregados Publicos.

Seu Quincas que trouxera a Sabedoria ao fundo da rua pacata, consumou tudo. O agonizante não podia mais mexer-se. Pregado ao leito pela inercia branca que lentamente lhe tomara os membros, olhava num começado delirio. Perguntou enroladamente pela netinha.

Numa transmutação, a côr verde e doentia de tudo fixou-se, ganhou a paizagem larga e escura que se despejava do quarto.

A Amazonia dormia sob um calor de naufragio. Em redor d'elle, o rio cantava e a floresta e o vento, povoando o silencio de fogo.

Havia parado trinta e sete annos á beira da caudal fakirizante, onde nas noites o luar residia, laminando as aguas puras dos igarapés. Idalia vinha de Belém do Pará, elle subira de Goyaz.

Alma crescera orphã, numa semi-nudez de pequena Ariel propicia, pelas mattas immoveis e incendiadas. E, com elle, nadava nas madrugadas diluvianas do rio solitario. Jacarés lodosos e sucurys tentaculares vinham no rolo amarello das aguas.

Na sombra do leito, o corpo vencido iniciava a desorganisação final, antes de ir purificar-se no filtro immenso da terra. Pelos caminhos escleroticos

das veias, o sangue impotente coalhava-se.

Uma ancia de commodidade e de repouso movimentava-lhe os estertores. Pediu a vela num ruido da bocca afflicta. Queria transpôr, de cirio symbolico em punho, a porta das eternidades.

Appareceu sorrateiramente um padre gordo. O quarto ficou uma capella de rogos.

A glacialidade do fim estacou-lhe para sempre as canellas magras e juntas. Bastião urrou á porta um choro barbaro que pôz calafrios de odio na impassibilidade de Seu Quincas.

E trouxeram-lhe a vela afinal, uma grande vela accesa e direita.

Alma não acreditara. E appareceu no chapéu de tafetá, para ver o corpo no caixão preto, ante o espevitamento sensacional da rua.

Os seus olhos eram dois lagos verdes. Tinha o gesto apalermado, os passos hesitantes.

Num espectaculo mudo de soffrimento, cahiu a uma cadeira do corredor, sem coragem de entrar, e teve uma crise recurva de lagrimas.

Em redor, havia um mutismo choroso. Levantaram-na pelos hombros, levaram-na para a sala de jantar, em silencio.

Mas, subito, ergueu-se supplicante, suffocada.
— Quero ver meu avô.

Foram com ella. Um cheiro de flores e de cera espalhava-se entre gente.

Na meia-luz da camara mortuaria, os seus olhos inundados buscaram o caixão cheio de dhalias vermelhas. Quedou-se alli, segura por braços compassivos. Mas, de repente, agitou-se, estremeceu e pediu meigamente ao vovô que falasse... para perdoal-a...

Arrastaram-n'a para um sofá. E ella continuou aos brados sonoros, numa declamação rogatoria, a supplicar.

Mas um padre chegou. Era outro — frio, metallico, magro e impassivel. Levou-a para dentro intimativamente.

Haviam-lhe tirado tudo. Deixaram-na transportar a roupa, a boneca quebrada, a cama sem lençóes.

Ella sabia que não se pode parar com a mão a roda gigante do destino.

Mas, dentro della, estuava uma compensação de mocidade farta. Nas suas lagrimas, havia sorrisos de saude. Foi-se esquecendo de tudo, pelas ruas, sob o ceu azul e benefico, até a casa de D. Genoveva.

Um moço passou por ella namorando. Atraz, uma carroça levava victoriosamente a sua fortuna.

Houve um pequeno guignol na missa de 7.º dia.

Trouxera o cãozinho pelludo. A cozinheira levava o moleque, cestas e panellas.

D. Genoveva soffria da aorta e, pedalando a machina de costura, ao seu lado, na sala, queixava-se.

O capitão sahia sempre num faiscar de galões. E seu Julinho, grosso e baixote, enternecia o am-

biente com os seus olhos de homem batido e as cordas soluçantes do seu pinho. Ante a miraculosa apparição, fulva e fina, na casa enegrecida, redobrava a sua intuição de poesia das coisas. Agora, do quarto da frente vinham nas manhas, sons bambos, sons quentes, sons inquietos.

Calava-se o violão dorido. Seu Julinho partia para a Secretaria, onde era continuo. Ia jantar com pinga, num restaurante baixo da Rua Formosa.

E nas noites estrelladas lá em cima, quando o telegraphista vinha para o casto noivado com Maria Magdalena, na sala atravancada de roupinhas auguraes, o violão dizia a dor e o milagre e a ardencia d'aquella pobre gente, naquella pobre rua.

O ventre augmentava. Lá dentro a vida creada pulava, num trapezio inquieto. E a sua carnação aleitara-se, ameigara-se o seu tragico sorriso: num reconhecimento os seus olhos eram da côr sentimental da esperança.

O telegraphista não gostava que ella lhe falasse da creança que ia nascer. Amuava-se num ciume

instintivo. Ella comprehendia, desviava o curso das idéas, curava-o.

Passou a vender serviços de costura. O telegraphista pagava dedicadamente o quarto.

Por um cahir violento de tarde, ella sentiu, com a vista escura, as primeiras dores.

João do Carmo avisado, accorreu, desesperou-se e partiu para não escutar nem saber. No trabalho nocturno, tinha ouvidos longe, na casa, onde o drama da criação se passava entre cobertas, ajudado pela paciente experiencia de D. Genoveva.

— Aaaaaaa! Aaaaaaaaaaaaaa!

Na penumbra amarella de lamparina, o canto materno resouu, bateu as paredes altas, ecoou.

A mulher de festivo chinó, com os dentes para fóra da bocca, tinha preparado tudo. E disse:

— E' agora. Força, minha filha! Coragem!

Alma suava na geladeira dos lençóis. Tinha a cabeça vermelha virada, a bocca entre-aberta, os olhos rôxos.

— Aaaaa! Aaaaaaaaaaaaaa!

E lá no amago, no profundo do corpo, junto às costas, arrancavam-lhe ossos vivos.

— Força! Faça força!

Puxavam-lhe os rins, esticavam-lhe a columna vertebral, estraçalhavam-lhe as cadeiras, implacavelmente.

— Tenha paciencia...

E a mulher de mão velludosa, passou o oleo bento que trouxera, pela montanha empedernida e alva.

Pouco a pouco, a dor se foi amortecendo, entrando. E ella sentiu a consoladora vontade de avistar o sêr martyrizante que ia vir. Ia nascer o seu filhinho...

—Aaa! Aaaaa! Aaaaaaaaaaaaaa!

A dor cresceu de novo, avassalou a natureza que creava... Era a dor decisiva, inevitavel, firme, sem respiração, sem descanso, sem tregua.

— Faça força! Faça força!

Alma estagnara, as pernas em tesoura, num

impeto indizível, teso, de todas as suas vontades dispersas. Queria afrouxar como nos intervallos anteriores, parar: não podia... Uma imperativa energia macerava-lhe as entranhas numa concentração violenta de caminhos abertos.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

O canto materno cresceu pelas paredes acima, em busca do ceu nocturno.

— Se-nho-ra-do-par-to! Fa-zei com que elle nasça...

Os ganchos lá de dentro, como os da flor symbolica de Jerusalem, se haviam desgarrado um a um, estalando os ossos e as carnes. A dor inundava-a. A mulher curvara-se anciosa. Houve um choque rascante. O ceu lá em cima desabou sobre a casa, o tecto sobre a cama...

Deus enviou depressa um anjo, trazendo como uma hostia pequenina, nas mãos de luz, a alma nova, a vontade nova, a alegria nova.

Escutou-se um éco de bolsa aquosa que rebenta. Um chumaço ensopado de cabellos escureceu sob a montanha branca. E uma figurinha convulsa, numa suffocação congestionada, lançou o primeiro grito terrível da vida.

Era homem. E trazia a estrangular-lhe o pescoço aplasmico, a fita umbelical dos malsinados.

Mas gritava, querendo tomar conta do presidio do quarto, do presidio do mundo.

A mãe, rasgada pelo meio, entre lagrimas ouviu o imperativo choro. E sorriu indizivelmente na sombra, onde grandes azas estacavam.

Deante do pequenino sêr, magricella, cabeçudo e de labios expressivos, cegado ainda pelo fulgor das eternidades anteriores, Alma viu congelar-se-lhe no peito um sentido rancor para com todos os homens.

Mas pôz-se a escutar enfraquecida. E, de repente, os olhos inundaram-se-lhe. Ouvira sons les-tos e vivos de bordões, numa incançavel toada montante e victoriosa. No seu quarto, como os antigos pastores de Bethlém, Seu Julinho celebrava o Natal.

Vieram os reis magos trazer-lhe presentes. O capitão, luzido como um sequito, deu-lhe uma cami-

sinha branca de cambraia. Seu Julinho comprou uma grande touca de nanzoug. E o telegraphista trouxe humildemente uma medalha de Christo menino.

D. Genoveva discutira longo tempo com João do Carmo e vencera. Um berço não serviria sinão para os primeiros mezes.

Compraram uma pequenina cama a prestações num negociante da Rua Santa Ephigenia.

Quando a deixaram só, no quarto escuro e pobre, tendo ao seu lado, no leito viril, o rapaz das suas esperanças, soluçou desabaladamente.

Da sombra veio um esguicho tremulo de choro. Ella tomou-o numa carinhosa difficuldade. Poz-lhe o seio branco na bocca invisivel. Queria amamental-o, ella mesmo, com o seu sangue materno.

Elle calara-se de bracinhos duros num casaco

de crochet azul, a touca enorme de Seu Julinho tapando-lhe os olhos.

E ficaram alli, á luz pequena da lamparina, escondidos do mundo que rodava lá fóra aos cachões.

João vinha numa tristura. Casmurrava no quarto.

A chegada intempestiva do outro, o que dormia quieto, desvalorizara-o, perdera-o.

A mãe era só inquietações e desvelos, cuidados e narrativas. O pequeno de vinte dias tinha uma vida anecdótica capaz de bibliothecas. Era intelligente, era bello, era rei.

O telegraphista forçava um interesse hypocrita, ria um riso caceteado, dizia asneiras melancolicas, numa accentuada incompetencia de amabilidades.

Ella um dia, percebendo, insultou-o. Elle sahio, entontecido de angustia nova, pelas ruas hostis.

Agora que, libertada, podia ser sua, sómente sua, Alma emperrava numa santificação excessiva, irritante, da creança aplasmica, dos seus gritos molles, dos seus olhares inertes.

De facto, ella ficava só com o seu reizinho, com o seu principe, com o seu valete de copas.

Todas as historias de fadas eram verdadeiras, todas as maravilhas eram possiveis. Elle estava alli, na caminha viril. Ella achegava-se cautelosamente. Uma respiração flebil vinha da penumbra, de sob as cobertas. Lagrimas gratas subiam-lhe aos olhos enternecidos e bons.

E um asco augmentara pelo telegraphista. Oh! os homens! Ella conhecia-os bem! Tinha assistido, na sua crucificação, ao desfile em pello de todos os

exemplares. Deante della, haviam-se desabotoado, numa confissão de torpezas, professores da cidade, chefes de confrarias, zeladores de hospitaes, grandes nomes representativos da moral cidadina, da educação, da finança e da familia.

Uma salpingo-ovarite ficara vigilante no ventre dolorido — do parto mal feito, da vida sexual irregular e criminosa. D. Genoveva accudia-lhe as crises, com toalhas ensopadas em agua-fria. E indicou-lhe cascarina sagrada.

Como nesse dia, elle, o seu filho, completasse quatro mezes, quatro magros mezes, em que o esqueletinho persistia em esticar a pelle morena do tronco, e não houvesse dinheiro para comprar uma chupeta nova, ella fez fluctuar sobre a caminha, pendente de um fio, como uma bandeira, um rico trapo vermelho.

Mas a amamentação fôra-se tornando mais e mais insufficiente. Num ridiculo heroismo, Alma rachara os seios sobre a boquinha avida e chorosa.

Era um drama diario e obscuro, com sangue vasado e lagrimas rolando. Consolava tudo um pequenino sorriso desdentado, no escuro do quarto.

D. Genoveva um dia interveiu, fez chamar o medico grisalho que lhe dava injecções.

No quarto alvoroçado, puzeram Luquinhas nú. O exame foi minucioso, foi terrivel.

Os olhos maternos se haviam afflictivamente fixado na esmeralda sabia da mão, que corria as costellas á mostra, apalpava, sentia.

Ameaçava-o uma leucemia perigosa. O tratamento imposto transfigurou, num sobresalto, a casa pacata da Rua Aymorés.

João do Carmo não foi mais admittido no quarto. Permanecia horas na sala de jantar, onde fôra feliz durante o periodo da gravidez e soffria lancinantemente a injustiça do seu abandono.

Lá dentro, Alma empolgava-se no rigor clinico das prescripções.

Mingaus complicados, medidas eruditas de farinha, num vidro proprio com leite contado e puro, toda uma diligente combinação de fortificantes naturaes, occupava agora a cozinha pequena e negra.

Num estonteamento ruivo, de cabellos despendados, e numa desenvoltura de toilette que revoltava João e accendia os olhos mortos do official de policia, Alma corria pela casa, levando panellas, trazendo caldos, pondo leite a ferver. A sua belleza era esplendida, dadivosa, naquella semi-nudez. A maternidade completara-a. No vestido leve, tinha as pernas roliças e perfeitas, as ancas curvas e cheias, os seios retesos.

Uma manhã, fez um estardalhaço lyrico de choros, de gritos, de risos.

Acompanhado pela boccorra aberta da mulher baixinha, de chinó, e pelo cão antigo, ella fez entrar no quarto o telegraphista surpreso e contente de ser lembrado.

— Veja o meu barriguinha de angú!

Levantava nos braços tontos um nú roliço de carne tenra, capaz de fazer inveja ao mais gordo São João de estampa.

Inventara uma lingua nova, passava horas a construil-a no tête-à-tête dos beijos com o pequenino sêr de olhos espantados.

No vocabulario angelico, a colherzinha que o salvara, despejando-lhe no bico o remedio do vidro grande, assumira enorme importancia. Era uma colherzinha de D. Genoveva, oxidada pelo uso. Chamava-se a Calalá. O Baubau era o cão bobo do avô. E a boneca velha e desengonçada, de cabellos hirsutos e olhos vesgos, que ella salvara da infancia, fôra baptisada de Neca Caleluda.

Elle ia fazer dez mezes afinal. O tempo passara num espectáculo. Estava rijo como um pequeno deus. Mas a cabeça enrugava-se-lhe ás vezes, sob o peso de tristezas obscuras. A mãe assustava-se, gritando. Elle choramigava sentidamente.

E vinha a reconciliação num diluvio de beijos, de carinhos, de balbucios.

Trocava-lhe os pannos molhados, continuamente, nas noites calmas.

Queria, num descompasso de sacrificios, que elle sujasse sobre ella, inundasse-lhe de pipi a face, a bocca... Que importava? Era o seu reizinho.

Na data natalicia do velho avô, vestiu-se elegantemente, pela primeira vez. Foi ao cemiterio levar flores e, ante o tumulo raso, teve uma crise silenciosa de lagrimas. João do Carmo acompanhava-a, de fraque, na manhã paulista.

Passados os mezes de incerta e doentia existencia, conquistado o primeiro anno victorioso da vida, Luquinhas levantou a cabeça e o corpo sobre as pernas roliças. E solenne, modelar, em meio de corredor calado, deu um grito.

Fazia-lhe maroteiras á noite. Não a deixava dormir num continuo rolar de perninhas e braços e risos. Cansavam-se afinal, bons amigos. Ella deitava-o, cobria-o.

Apagava a luz. E, na sombra, cresciam e fluctuavam para os olhinhos espertos, o Hymalaia dos travesseiros maternos, a Calalá, o bico succu-

lento da mamadeira, o navio que era a cama. E de
redor, todos os bichos.

O Carnaval veio e foi. O Baubau do velho Lucas morreu latindo debaixo de um caminhão festivo que levava phantasias.

Na noite gelada de São João, depois da solenidade do baptismo, que fôra pela manhã, na Luz, com João do Carmo, grave, segurando a vela paranympthal, e D. Genoveva e o capitão luzido, Seu Julinho trouxe, para um choro commemorativo, caras macilentas de serenatistas.

Um alvoroço estrugia na cozinha — choros, risos, gritos. Luquinhas que já andava pelos commodos, fi-

zera uma travessura. Alma erguia-o num arrebatamento, como se dez mãos avidas e espertas o quizessem prender. E raptava-o em cavalgadas cyclopicas pela casa. Sobre a fulva cabeça que ria, elle era Rolando, era São Jorge, era o General Osorio.

Depois de uma inacabada serie de tombos macios, descobrira a vida, num trepidar de passinhos incertos.

Para erguer-se, punha para o alto o corpinho á mostra, depois, num esforço, endireitava-se. Estava em pé!

E achara o corredor, a porta, o mundo.

Agora, descobria-se a si mesmo. Verificara num pasmo que a cabeça mexia, a perninha dobrava, as mãos batiam. E tinha dedos duros, grandes, sempre molhados.

A's vezes, estacava no corredor sobre a velha passadeira e gritava numa verificação de ouvidos atentos. O éco rompia o encantado silencio dos seus olhos pasmados e redondos. Numa surpresa edenica, constatar a propria voz. E ficava escutando-a.

Sumia como um rato arisco. Estava aqui, alli, desaparecia.

Iam encontral-o trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando, no banheiro vasio, a desgrenhada Neca Caleluda.

Na sala, D. Genoveva, de oculos, ria, pedalando a machina de costura.

Melancolias começaram, no entanto, a baixar sobre aquella immovel paz.

Alma sentia nervos. Batia em Luquinhas que, com a dentição tinha impertinencias e raivas. Fal-

tava-lhe a alegria physiologica, que dá o amor physiologico. Aborrecia-a, nas longas horas semanaes, aquelle obstinado romantismo, sem ultimo acto, do seu melancolico "pequeno".

Luquinhas começou a comer e a falar. Por manhãs inteiras, lambusava-se de pão molhado numa grande caneca de café com leite.

Mãe e filho passavam as tardes na horta exigua dos fundos.

Na maguada visita d'aquella noite, Alma pediu a João do Carmo que não voltasse mais. Para

viver, bastava-lhe a costura que tinha, com D. Genoveva.

Elle sahiu, chocado d'aquella ingratição. No profundo intimo, promettia a si mesmo desforras sensacionaes do destino.

Mas, deixando a creança com D. Genoveva, appareceu, na tarde seguinte, no desbotado quarto da Avenida Tiradentes. E numa inesperada reconciliação, o amor perdido voltou, casto ainda, mas forte, ululante.

Quasi noite, elle a conduziu pelas escadas longas, até a porta. Voltou.

Sentou-se e observou fixamente dois grampos retorcidos de ferro, que havia erguido do chão.

E recordou, numa impressão physica que lhe repuxava ainda os labios grossos de creança, o beijo que ella lhe deixara ao sahir, toda lilaz e oiro, num vestido curto. Recusara-se ainda, em prolongada queixa infantil, a ser a amante prevista, fatalizada, conquistada. E dissera que se havia de casar, pois

estava mostrando que não era tão ruim como pensavam.

— Viu, João? Passei pela Rua dos Clerigos. Aquella mulher que falava muito de mim, no começo, você se lembra? está desesperada. A filha fugiu de casa com um chauffeur. E eu hei de mostrar a essa gente que ainda encontro marido.

— E depois de casada?

— Serei séria.

— Amas-me?

— Amo-te.

— Queres que te arranje um maridinho?

Ella viera, aconchegando-se num subito frio, deitara-se toda em seu collo, confiante, calada.

Mas, fitando o velludo negro do antigo relógio de pulso, saltara afim de pentear-se deante do espelho e collocar o turbante gracioso que comprara.

Tinham ficado olhando-se.

— Até quando? interrogara elle, fingindo-se ainda maguado pela expulsão.

— Irás ver-me... á noite?

— Irei.

— Bom que és!

E, depois, quebrando um longo silencio de supplica:

— Quero um beijo, João.

— Não. Não seria honesto. Vaes-te casar...

Tomara-lhe as mãos finas e longas; enternecido, cobrira-as de beijos.

No fim das escadas, deixara-a ir só pelo corredor, ficara espiando-lhe os passos elegantes e solidos. A' porta, ella tinha estacado, sorrindo, á espera. Elle fôra beijal-a na bocca e vel-a partir, toda lilaz e oiro, no vestido curto.

E, pela avenida extensa, passavam vendedores de jornaes, annunciando tragedias, bondes chiavam nos fios electricos, recolhendo massas macambuzias de gente.

Do alto, a noite cahia numa pallidez precoce de inverno.

No longo recolhimento a que se votara para o filho, ia perdendo o antigo gosto amargo e divino da vida. Sentia-se deselegante, sentia-se timida. E precisava amar...

Mauro voltou-lhe como um estilete pelo coração a dentro. Se o pudesse rever! Se o pudesse resuscitar alli, um instante, na rua nocturna, no seu antigo faiscar de cigarro, os passos americanos, a figura recurva...

Ao transpôr a porta da casa velha, numa angustia, procurou inutilmente na creança, que palavra de braços extendidos, uma ruga, um detalhe evocativo, uma graça masculina que o lembrasse.

Luquinhas tinha a cabeça grande, parecendo conter pensamentos desencontrados, desejos em garra, desesperos e phantasias.

O labio inferior, em coração, punha-lhe uma graça feminina no rosto fechado. Era trepidante, violento e manhoso.

Teve uma tragica indigestão. A febre queimava-lhe a barriguinha e as costas. Alma, num desvairo, brigou com D. Genoveva, attribuindo a molestia ao seu pouco cuidado.

No dia seguinte, melhorando a creança, reconciliaram-se.

Alma retesava-se de raiva e de lagrimas, ante as attitudes descansadas do telegraphista, que lhe não mostrava horizontes nem lhe decidia a vida parada. Pensou em mudar-se. Mas resolveu ficar alli mesmo, esperando que alguém viesse, que alguém surgisse.

Encontrou Camilla Maia, ao sahir do Jardim Publico com Luquinhas. Estava esfusiante e alta, num vestido rico, com punhos largos de pelle, um chapéu de setim apanhando-lhe toda a cabelleira negra.

Tinha um rapaz do commercio, que a adorava e um ricaço que a vestia.

Alma sozinha, fazendo o filho dormir no quarto abafado, curvou a cabeça ruiva sobre a grandeza inexplicavel da sua desdita.

Deixou Luquinhas, o telegraphista, a casa e, refazendo as maneiras antigas e a antiga belleza, reappareceu, num halo de gloria, no meio catita e dansarino onde Camilla se fazia.

Na volta longa de automovel por Santo Amaro, o rapaz alto e solcito, de bigodes negros e curtos, que vinha ao seu lado, em frente ao outro par distrahido e amoroso, chupou-lhe os labios succulentos. Chamava-se Arthur e disse-lhe que tinha uma garçonniére na Rua da Boa Morte, agora que não viajava.

João do Carmo não podia comprehender aquella rapida transfiguração. Presentia o estouro da sua incompleta fortuna. Ella mesmo recusava-se nervosamente a beijal-o na despedida das visitas nocturnas, regulares e quietas.

A idéa do casamento, francamente exposta, crescera-lhe na intima passividade sentimental, apesar dos protestos da sua desfallecida covardia.

Vivia envenenado pelo fel contagioso de Dagoberto Lessa.

Na sua capa hespanhola, um ar espectante de rafeiro, o escrevente fizera-lhe entrever, sentado e calmo em sua frente, no quarto, que sabia o que se passava. Conhecia Camilla, pessima companhia... Aliás era opinião da cidade que João estava se enterrando.

Uma revolta estuou no peito do namorado, um heroismo de sentimentos invadiu-o.

— Enterrando, como? A divida que fiz já paguei. Concorro com o quarto apenas, uma quantia pequena...

Dagoberto torcia o bico sceptico.

— Até o Lobão já me disse que você é um ingenuo em crer nessa mulher...

— Inveja de vencido.

— Disse coisas horriveis.

— Repita....

— Que ella é amante para dois mezes. Mulher conhecida pelo paiz inteiro.

— Cão!

Haviam-se calado.

Um sentimento d'aquella venenosa injuria mexia no peito de João do Carmo. Elle sentia mais que nunca que a amava. Era seu dever defendel-a, amparal-a, salvall-a, dar-lhe, numa prodigiosa solidariedade, a pobre honra do seu nome.

O escrevente vendo-lhe a attitude sombria e maguada, mudara.

— O diabo é o meio em que ella viveu, um meio corrupto... O tal Mauro...

O poente na Praça da Republica fazia tela vermelha ás arvores e ás hermas escuras.

João do Carmo atravessou o jardim. Sentia precipitar-se a sua tragedia. Mais do que nunca, o amor enraizado estuava, farfalhava, subia. Era seu dever salvar-a. Via num gelado terror o meio infame que a tentava de novo. As narrativas de risonhas partidas com Camilla davam-lhe minutos medonhos. O pessimismo inveterado de Dagoberto suffocava-o. Ficava aterrado ante a miseravel hypothese de uma volta aos rendez-vous suppliciaes.

Jantou no tumulto differente de outro restaurante, perto do Braz.

Havia uma Estação da Luz panoramica, na parede do fundo. E a alma multifaria do bairro cantava pelas cem guelas desafinadas de um orchesterão de campainhas.

Comeu sem sentir.

Foi atravessar a noite silenciosa, rondando a rua de lampeões, sem saber se ella estava dentro da casa ou não chegara ainda.

Regressou numa extenuação, quando já os bondes pesados saíam e carroças cheias rodavam para os mercados.

Estacou. Chegara á porta do casarão de commodos. Para as bandas do Tietê, havia um começo de aurora vermelha.

Soube por Dagoberto que a portuguezita de cabaret que voltara para a companhia de Frederico Carlos Lobão, fugira de novo para o Rio. Procurou o bohemio trahido. Elle ia sair. Estava no fim da escada. Trazia uma maleta nas mãos, debordava intenções de viajar.

Inutilizava um cigarro por tragada nervosa. Tinha a palheta enterrada nos olhos enormes.

Andaram longamente falando confidencias. Um condescendia em ser o publico amavel do outro, pre-

parando no soturno cerebro o que expôr tambem, defender e criticar.

A vida comprimia-se nas duas humanas caixas apaixonadas, onde se musicava o futuro triste, o passado horrivel, o presente sem remedio. Um conforto, exigido mutuamente, enlaçava as duas almas alliadas, na lucta contra o inexplicavel, na justificação commovida dos actos, na apotheose das proprias transfigurações.

Eram dois pallidos cavalleiros da Palestina dos devotamentos. O mundo, se os escutasse, erguer-lhes-ia epopéas, fal-os-ia lesgiladores e santos, dar-lhes-ia cortejos. A cidade passava por elles na tarde longa e humilde.

Frederico Carlos Lobão não se conteve mais. Levou João do Carmo ao bordel donde fugira a travessa mulher que o perdia.

Numa sala de hotel familiar, com oleographias emmolduradas nas paredes, coristas de opereta delambiam-se em romances exaggerados com bachareis de fraque.

Um piano resoava.

A uma meza do fundo, uma briga estalou. Um moço moreno, teso e de pince-nez, largara o prato e o copo e, levantado, insultava. Disse um ultimo palavrão e sahiu.

Uma mulher magra chorava, num lenço. As outras desolavam-se em altas vozes:

— Ora, o Maneco! O Maneco!

Quando a offendida se consolou, expandiu-se para o ambiente. Era uma mulher de sentimentos e de educação. Tinha familia.

— Acalma-te Thereza! diziam de redor.

Mas ella proseguuiu, redobrando de furia a cada conselho. Subito, voltou-se para os dois homens tristes que se haviam sentado, pediu-lhes desculpas e pôz-se de novo a comer.

Muito branca, nas sandalias altas, Alma deixou perceber que se passava qualquer coisa de anormal, de serio, de definitivo. João quiz saber, numa volupia de calvarios.

Perguntou-lhe se conhecia o Telles Mello da Expansão Electrica... um pouco capenga... Dava-lhe uma casa...

Elle accedia, prompto a todos os holocaustos que a favorecessem. No seu intimo, exaggerava-se uma bôa vontade, onde lá dentro, no entanto, o profundo amor de sua vida se despeitava, calmo, resolutivo, terrível.

Nella, passavam clarões tristes, logo vencidos.

E elle pediu para beijar Luquinhas antes de partir.

Um cabaret chamou-o. Uma orchestra guinchava. Do tecto chinfrim, pendiam enfeites de papel verde e amarello.

Grupos de homens e mulheres bebiam e esgueavam. O cabaretier dominava o tumulto. Tinha mãos enormes e uma cara de conego.

A musica parou. Uma mulher veio sentar-se á sua meza. Era de Lisbôa. Tinha os olhos brilhantes e os labios rubros. Elle pediu-lhe que cantasse, depois de oferecer-lhe um licor.

— Queres que eu cante?

Deu uma viva risada e indagou:

— E que ha de ser? Uma coisa de saudades?

— Qualquer cantiga.

— Sei canções de Portugal. Ai que já lá vae um anno!

— E' bonita Lisbôa?

— Mais do que o Rio de Janeiro.

— Mais do que o Rio!

— E' sim, homem.

Depois de um silencio, João perguntou-lhe que fazia.

— Vou amanhã ensaiar uma opereta nova. Você quer vir ao Apollo?

— Posso ir.

Ella virou o calice, levantou-se cantarolando pela sala. Depois disse:

— Ora, o Palhares não veio. Venho já, sim?

Alma, numa presença real, afflictiva, não o deixava.

Elle obsecava-se pelos ambientes prostituidos. Surprehendia-se evocando-a nas silhuetas de sudario, procurando reatar nas vidas canalhas gestos seus, o futuro seu. Um rolar confuso de presentimentos desfiava-se-lhe no peito. Onde estaria? Dormindo ao lado do outro, o que a comprara.

E num éco doloroso e profundo, batiam n'elle todos os barulhos da vida.

Pela porta volante da casa alegre, um homem grisalho entrou num atropelo, empurrado por uma hespanhola gritante. A mulher exclamava:

— Anda! Por aqui! Por aqui! Buro homem!

Sentaram-se perto dos dois amigos solitarios e o burguez reagiu:

— Basta, mulherzinha damnada! Você acaba me esfolando vivo. Anda, vá buscar vinho...

— Eu não! Chama o garçon, buro!

Ruidosa, galharda, pediu champagne.

— Eh! Não vê que eu pago. Champagne na crise! Olha, o café este anno não sae da fazenda.

— Que! Você não é fazendeiro... E' buro!

— Não sou? então não pago champagne.

A mulher resolveu-se por um vinho do Porto. O burguez riu satisfeito. Ella indignou-se, sahiu establanadamente para a outra sala. O homem sorriu amavel, dizendo:

— Foi... mas volta. Não vê que ella perde o vinho do Porto, nesta orise. Anda tudo em crise, até a vergonha... Eu, um pae de familia... Puff! Tambem, um cabaret alegra a gente.

Disse que era viajante. Bebeu, achando excellente a vida. Depois, foi atraz da mulher.

Lobão começou então a invectival-o. Tinha vontade de ir para Buenos-Aires ou para o Oriente, para bem longe d'aquelles burguezes que se satisfaziam com uma Lola e um vinho do Porto. No fundo do seu humano coração, a portuguezita banal dansava com outro, infernalmente. Iria acabar os seus dias numa terra ignorada e extranha onde fosse o forasteiro indecifrael.

— In-de-ci-fra-vel!

Da outra sala, pela porta volante, subiu um alarido: risos, gritos de mulheres, escalas desordenadas de piano. Depois a voz do cabaretier commandou:

— Allons! Messieurs, dames! Un peu de gaité dans la salle! Un! Deux! Troix!

Palmas rythmaram-se na algazarra. Acompanhada do piano, uma voz debil elevou-se:

— Je suis le co-co de Chi-cago!

João do Carmo sentia-se torvo. Ante a inconsciencia festiva do mundo, vinham suffocal-o, em ronda, pallidas tristezas.

A voz do cabaretier suggeriu un cri d'admiration pour Mlle. Fruli. De novo houve palmas rythmadas.

Lobão queria sahir, ir para o Oriente. João percebeu que o outro deixal-o-ia para se deitar. Teve medo de ficar só. Preferia estar encolhido naquelle barulho. Pediu-lhe que ficasse.

A porta volante escancarou-se. Reappareceu a hespanhola com o burguez. Elle vinha dizendo que perdera no jogo. E ella exigia a bolsa nova que esquecera dentro do automovel.

Sentaram-se. Havia cahido uma mosca no copo abandonado. Ella exigiu vinho do Rheno. Discutiram preços com o garçon accudido. O homem disse que na fabrica, no Bom Retiro, custava a metade.

A mulher farfalhava na cadeira. Veiu a garrafa. O burguez offereceu aos dois amigos, de novo quietos.

— Sem cerimonia! Coisa que nunca tive na vida!

Contava historias de rabichos. A mulher insistia:

— Olhe, amanhã você tem que trazer a bolsa, hein?

O tumulto alegre redobrou com a chegada de mais gente. Gritavam: Vive les carabins, ma mère! Non, ce sont des cocos, de vieux copains!

E o cabaretier ordenou un cri d'hysterie, percuente, na sala.

Alma instalara-se com Luquinhas num bungalow atarracado das Perdizes. Possuia joias e moveis, louça frisada de ouro, uma aia allemã para o pequerrucho. E o automovel verde do electricista passeou, nas tardes quentes, a sua renovada belleza pelo Triangulo cheio.

Luquinhas, numa transfiguração de jerseys caros, tinha um grande medo intranquillo do “lambishombem”.

Os seus cabellos cacheavam-se em oiro disperso.

Nas manhãs luminosas, sahia para os parques da cidade, com brinquedos e a creada.

E na volta, vinha acordar mamãezinha com ponta-pés repetidos e bambos na porta fechada do quarto, onde o “lambishombem” morava.

O engenheiro dava-lhe nickeis e tinha um pavor de que aquellas mãozinhas lhe lambuzassem as calças magnificas.

Mas, num deslumbramento, Alma, nas toilettes mais finas, tomava-o, mordia-o, chupava-lhe as carnes tenras e brancas. Tinha a volupia de ser urinada pelo seu crescido valete de copas.

João do Carmo compoz um livro todo de sonetos.

Na Semana Santa, Alma quiz que elle fosse prestar a homenagem da sua presença de Cherubim, numa procissão, de madrugada.

Na multidão silente, entre theorias irregulares de anjos que andavam, a aia solenne seguia-o.

E, pelas ruas, a mãe não o largava com os olhos verdes da côr sentimental da esperança, sob um largo feltro branco.

Um dia, porque Luquinhas derramasse, na toalha pura e bordada, uma terrina fumegante, o “lambishombem” zangou-se.

Alma recriminava-o de não ter contido a tempo a creança.

— Ser pagem também, não! respondeu elle.

Ella levantou-se, cheia de insultos. Levou o filhinho para o quarto, sem terminar o jantar.

Reconciliaram-se friamente. E, á noite, Alma sahiu com Camilla. Não se edeixavam, numa sensacional camaradagem de risos e passeios.

Alma tinha sempre somno, um somno de felicidade. Quasi adormecia, nas toilettes ricas, ao choro das valsas, nos cinemas do centro.

Luquinhas ganhara immuniidades. Na casa rica, propunha a toda gente esconde-escondes e cavalgadas. Quebrava tudo. Batia com a colher cem vezes regulares na meza. Um bulicio reinava por onde apparecessem os seus cachos loiros. Quando Alma se demorava, chorando de somno, no collo compassivo da governante sizuda, queria trocar de mãe.

Outras vezes, ella não sahia. E brincavam juntos, num renovado paraizo de surpresas, de beijos e de gritos.

Elle occultava-se atraz de uma bandeira de porta e gritava.

Ella, sorrateira, estava alli ao seu lado. Descerrava o esconderijo. E, num deliciado susto, elle tombava-lhe nos avidos braços.

Ensinaram-n'o a ler num grande livro de figuras: A-za, E-ma, I-lha, O-vo, U-va.

O bicho caratetú vinha nas noites tetricas especial-o.

Crescia. E, crescendo, tentava o mysterio de todas as portas, de todos os moveis, de todas as gavetas; buscava o inedito de todas as janellas; explorava a floresta florida do jardim. E procurava, além do portão, a rua que levava aos mundos longinquos dos parques.

Davam-lhe todos os brinquedos, todos os doces, todos os livros bonitos.

E, parado, ouvindo a grande phonola que o engenheiro comprara no dia de seus annos, era um padre de camisola, sacrificando ante a missa musical dos discos.

Ella puzera o seu chapéu côr de maravilha.

Tinha encontrado Mauro no Triangulo. Estava mais alto, mais forte. E falara-lhe com a voz metálica, num velho desembaraço. Ia vel-o.

Elle esperava-a na Praça da Republica, entre hermas cinzentas e repuxos japonezes de flores vermelhas.

E ella convidou-o a ir até o longinquo bungalow das Perdizes.

Tomaram um velho taxi. Estavam cerimoniaes, bons, alegres. Elle entrou, como numa fita de cinema. Admirou o gosto das lacas, dos tapetes, dos cretones.

Ella mostrou-lhe o quarto de Luquinhas, todo branco. E levou-o para o hall, onde havia convites de poltronas macias.

Fumavam conversando. Uma animação começou a agital-os. Telles Mello partira para Uberaba: voltaria d'ahi a dez dias.

Mauro andara pelo Rio. Falou-lhe das mulheres que tivera, numa naturalidade. Ella relatou-lhe a vida rica e facil. Mostrou-lhe uma pulseira delgada de saphiras e brilhantes que ganhara no Natal.

E, subito, elle levantou-se excitado. Achava-a diversa, outra. Libertada do chapéu de passeio, ella parecia esplendida na inteira toilette, em crepe tête de nègre com punhos fartos de skunks e a gola provocante no contraste do cabello acajú.

As pernas revelavam-se até o ouro das ligas monogramadas nos fechos.

Elle baixou-se. Beijou-lhe a testa alva de crème, depois sugou-lhe os labios entreabertos e carminados.

Ella tinha os bicos dos seios duros, de pau. Veiú-lhe um grande riso, hysterico e desigual.

Uma curiosidade criminosa, naquelle ambiente, onde um extranho reinava, impellia-os um para o outro, juntava-os.

Excitaram-se, disfarçando com vozes altas. De dentro, vinha um barulho de creados...

Partira o grande macho retornado, risonho e recurvo. Deixara-a num desmantelo de toilette, a bocca inchada de lascivia, sentada numa seriedade de crime, os olhos fundos nas olheiras ltuosas, a carne vencida de gozo.

E ella ergueu-se na sala deserta. E foi descobrindo a côr de tudo, o sentido espectacular de tudo.

Mauro tomou um bende do Braz. A voz dos cabarets cantava-lhe victoriosamente nos ouvidos

alegres. Lembrava-se de uma noitada no Rio. No tilintar das fichas, gritavam: trinta e cinco! Era o numero da casa antiga de seu pae.

Encontrou apenas a creada da infancia, morando perto. Estava velha, toda branca. Pôz-se a chorar ao vel-o. Tinha perdido os dois filhos num anno. O destino esraçalhava-lhe as ultimas escoras da vida. Queixou-se lamentosamente. Sentia-se lavada em agua fria, nas costas, nos hombros. Pediu-lhe um agazalho. Elle deu-lhe dinheiro e partiu.

A queda rapida de Alma fazia entrever um futuro favoravel ao caften, onde a fortuna de Telles Mello rodava.

Voltou imprudentemente ao bungalow das Perdizes.

Uma tarde, o engenheiro, avisado, chegava quando elle sahia. Os dois homens advinharam-se á entrada do jardim, rodaram como dois boxeurs na arena, perscrutando-se.

Elle partiu num sorriso de despreso soberano, os musculos tesos e promptos.

O outro entrou: tinha uma psychologia insultada de capenga.

Numa scena dilacerante e rapida, fez a amante confessar e expulsou-a.

Ella ia sahir, serena, linda, acostumada á festa tragica da vida. Presentia a existencia com Mauro, a ruina, o descalabro certo. E achava natural aquelle repentino desamparo da sorte. Era o sêr humano na queda abysmal, sem fundo.

Vestira Luquinhas. Tirou-o da cama rica de pau laqué, nevada de filó.

E elle procurou levar nas mãozinhas gordas um bebé de celuloide, o balde e a pá com que revolia a terra fôfa do jardim.

Ao sentir aquella tenacidade, o homem pensou em tornar atraz. Tentou agarral-a. Ella quiz dar-lhe uma bofetada, num desprezo de olhos verdes.

Luquinhas suffocou-se de choro e de medo.

Telles Mello, juntou do chão o balde que cahira das mãos da creança, correu ainda ao portão.

Ella ia, num vento de loucura, rua abaixo, clara, fulva, carregando o filhinho cujos cabellos fluctuavam.

— Que has de ser quando fores grande?

— Santo.

E um jorro de riso claro partiu da boquinha de dentes eguaes, envolvida nos cachos de espiga que se embaraçavam pescoço abaixo.

— Não, Luquinhas, não brinco mais então — fez a mãe supersticiosa, reprehendendo-o. Que has de fazer quando fores homem grande?

— Fazer santo...

— Ah! Não brinco...

Ella deixou-o pensativo, sentado ao banco quebrado da horta dos fundos de D. Genoveva, e foi ninar o bebé idiota que os olhava, braços de celuloide erguidos, entre verduras. Poz-se a cantar:

— Nana ne-nê! Nana ne-nê! Você sim é bonitinho, não é como Luquinhas, esse feio...

— Mamãe! gritou a creança que accordara, de olhos vivos, pestanudos, na tarde que invadia as aléas estreitas e doirava a casa baixa... Mamãe! Eu vou ser pára-raio!

Das joias antigas, ella conservava apenas um medalhão negro de onix, preso a um fio invisivel de platina.

Sahira num desespero, deixando o filho adormecido com a mulher de chinó.

Andara á tôa pela cidade nocturna e agora deixava-se ficar alli num banco quieto da esplanada do Municipal, esperando, numa desorientação calma, que as horas passassem. E as horas custavam a passar, como a vida.

Homens farejavam-na como cães. Dois rapazes que desciam pela ruela de areia, perguntaram-lhe se viera do theatro. Tinham parado no Anhangabahú claro e deserto. Ella levantara-se. Eram ambos bem vestidos, tinham dinheiro de certo. Chamaram-na.

Um barulho de taxi estrugia pela rua Formosa. Elles fizeram o chauffeur estacar. Ella estava alli, junto ao carro parado, na rua silente.

— Não vou. Ir onde?

Entrara. Sentou-se entre ambos. Deram um endereço vago. Apalpavam-n'a no escuro.

Nas paredes de um quarto, havia um espelho e obscenidades em cartão colorido. A um canto, um divan.

Sahira um. O outro fechou a porta, veio para ella. Quiz deital-a. Uma halucinação tomara-a. Estava de pé, tinha os olhos severos e fixos e os bellos braços nús sob a claridade.

O homem ia abrir a porta, despedil-a sem lhe dar dinheiro. Ella murmurou que ficava. Esbelta, em dois pulos, desfez-se das calças de rendas. Mas o macho relutava, desconfiado. Foi até a porta, chamou o outro. Riam-se. Excitado e indeciso, voltou. Aima disse que já haviam pago duzentos mil réis pelo seu corpo.

Elle parecia inundado subitamente de furia sexual. Mordeu-a nos labios de desafio. Ella enroscava-se toda no homem de acaso, cerrando os olhos, recostando a cabeça, perdoando...

Puzeram-na para fóra, deixando-lhe na mão sete mil réis. Desceu na direcção do centro, num passo sonoro. Encontrou guardas e retardatarios.

Bebeu cognac num bar acceso do Largo da Sé. Um homem alto falou-lhe com delicadeza. Ella andou ao lado d'elle, muda, inerte. Numa polidez recurva, o homem propunha-lhe sentimentos.

Tomou um bonde para a Luz. Junto ao Jardim Publico, através das arvores, viu uma fita longa de sangue cercar a madrugada cidadina.

Gallos cantavam, accordando as estrellas dos

seus ultimos extases. A cidade martellava os seus primeiro ruidos.

A fita de sangue enrubescia, amarellando-se de tons novos. E, por cima, o ceu era todo azul claro. A terra girava como ella no espaço sem apoio.

Aquietou-se alli nos lençóes da cama alugada.

Não podiam esplender sobre a cabeça de seu filho as miragens dilectas da infancia... Elle era uma pobre sombra no colchão emprestado. Trapos e carne... soffrimento.

A noite sonora cahiu. Creanças brincavam na calçada, cantando em frente á casa baixa.

Num vestido antigo de setim, Alma, de pé, vigiava o filhinho.

Soropango da vingança
Toda a gente passarão!

E ella sentiu, num obscuro instincto, que estava sendo castigada. Recordava o telegraphista dedicado, o cãozinho morto sob um caminhão, o sobrado tragico da Rua dos Clerigos, onde fôra feliz.

Uma menina suja, de grande olhos, veio accorral-a dizendo que Luquinhas não queria brincar.

Elle estacara a roda viva na calçada. Alma foi buscal-o, trouxe-o num choro de desabafo, as mãos fechadas no rostinho quente.

Com o coração amedrontado, perguntou-lhe o que sentia. Levou-o para o quarto num alvoroço, augmentou-lhe os agasalhos. Elle cessara de chorar: permanecia sentado, ao colchão, olhando-a.

As creanças vieram até a porta espiar com risinhos e silencios. Ella gritou mandando-as embora e foi buscar D. Genoveva.

A velha notou-lhe a febre do ventre. Disse. Elle cerrou os olhos miudos num choro sentido.

— Que é, meu bem? Que é, meu bem?

Lá fóra, as creanças reorganizadas continuavam em roda:

Soropango da vingança
Toda a gente passarão!

Arranjou ao lado, numa cadeira, a sua roupinha de homem. Esticava os braços molles de brim, as perninhas molles. Era a farpella pequenina, com que elle devia carregar a cruz da vida.

Noite alta, Luquinhas agitou-se no travesseiro unico e velho. Alma não conseguia dormir, olhando-o.

Se morresse! Ella sabia que nada podia resultar daquella misera existencia humana.

Sentou-se ao leito, os grandes cabellos desmanchados.

A boquinha que se lamentava na penumbra do quarto cerrado enriquecer-se-ia de sorrisos, para que? Para beijar prostitutas como ella e depois comer a lama da vida.

Leval-o-iam mãos extranhas, por caminhos incertos. E d'ella, elle carregaria sómente o odio maravilhoso.

Lá dentro, no corpo torcido de desgosto, a annexite adquirida trabalhava. Era um beliscão re-

pentino do lado esquerdo que amortecia o ventre todo.

D. Genoveva mandou chamar o medico grisalho. Numa serenidade scenica, elle examinou demoradamente a creança agitada. Falou em cholerina, disse que era grave, receitou e partiu.

Uma gotteira inundava lentamente o quarto. Lá fóra, um diluvio tomara conta do ceu e das ruas.

A noite envolveu-os. Uma lamparina empallidecia a um canto.

Alma escutava o barulho da chuva. De hora em hora, pisava com os tacões altos o quarto alagado, ia buscar a colher de remedio e trocava os pannos immundos.

Oh! as promessas da vida! A procissão em que elle se vestira de anjo e fôra tropeçando as perninhas roliças no cortejo sacro, entre padres e virgens, com banda de musica atraz. Havia um rei... elle era o reizinho de mamãe... o reizinho da caminha de pau laqué...

Vira-o peorar na madrugada seguinte. Todos os falsos valores, todas as sombras ladras que a prendiam, tinham fugido. Só ficavam na penumbra os remorsos, serenos como carrascos tartaros.

Espectros dos crimes passados estacavam no ar, como chicotes immoveis.

Ella desdobrara as azas ao convite flexuoso da terra, sem se importar com as existencias idas, com as existencias que viriam.

Mas todo o ridiculo tragico de sua vida voltou... o drama diario da sua maternidade obscura, da sua maternidade incomprehendida, apesar de se terem rachado os seios na amamentação... Oh! o sangue que perdera, e as lagrimas! Tudo consolado por um pequenino riso que não vinha mais.

O medico appareceu inutilmente na quinta manhã.

O enterro sahiu da casa pequena ás quatro horas.

A tempestade passara e fazia calor.

Alma, de olhos seccos, fôra levada para os fundos, pela velha compassiva. Duas vizinhas de preto seguiam-na. Ficou sentada a uma cadeira de palha, sob a telha-van da cozinha.

Ouviram-se pelo corredor os passos arrastados dos que sahiam, creanças levando flores, homens carregando o caixão.

Ella sentiu que Luquinhas ia-se embora. Balbuciente, disse-lhe o nome entre soluços, tremendo, toda torcida. E agarrou-se nervosamente ás outras. A sua pobreza vital transfigurou-se de tragedia. As pupilas marinhas, entre os grandes cilios, supplicavam indizivelmente.

— Não deixem elle ir sozinho! Não! Não!

Depois, os cabellos desfeitos pelo rosto, fulvos e molhados, dobrou-se, cahiu pesadamente nos tijolos, muda e selvagem.

O enterro ordenou-se no meio da rua, num começo resolutivo de marcha. Um menino de bocca aberta, tropeçando, juntara sob o braço, os chapéus dos vizinhos piedosos. As outras creanças conversando, abriam o prestito, de vermelho, de azul, de branco.

Pressurosos, grandes e pequenos apedrejaram o caixão humilde e azul, com grandes pedaços de terra molle. Os primeiros punhados bateram ruidosamente sobre as taboas que fechavam lá em baixo, para sempre, o cadaverzinho coroado.

O coveiro de bigodes hirsutos e grisalhos despejou pás cheias na cova. O barulho abafou-se: ficou o barulho de terra atirada sobre terra.

Ella guardava d'elle um pequenino retrato carbonado pelo tempo. Fôra tirado por um photographo ambulante, numa tarde de só, no Jardim Pu-

blico, entre coqueiros tremulos e gritos espaçados de aves invisíveis.

Sumia como um rato arisco. Estava aqui, alli, desaparecia...

Iam encontrá-lo trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando no banheiro vazio a desganhada Neca Caleluda...

Na sala antiga, D. Genoveva, de oculos, pedalava a machina de costura.

A bordadeira redonda, embrulhada em setineta e cheirando mal, cuspihava insultos na noite branca.

— Não pagou o vestidinho de seda crème de seu filho! Ficou devendo a camiseta...

— Delle, eu paguei tudo. Só não acabei de pagar o meu vestido de filet... Delle, paguei...

— Não senhora. Enfim deixemos a creança,

ella está no Paiz da Verdade... Mas a senhora não pode jurar com a mão sobre o livro do Evangelho...

Luquinhas estava no Paiz da Verdade. Alma sentiu abrandar-se a ferida que a fêmeaça lhe abrira no peito, insinuando que devia roupas do mortinho. Luquinhas não devia nada, elle estava no Paiz da Verdade...

— Não paga os vestidos...

Um homem passou, voltando a cabeça curiosa.

— Não grite, por favor...

— Grito... é o meu rico dinheiro que eu quero...

Pague...

No fundo indeciso de Alma, uma revolta levantara-se em muletas cynicas. Teve impetos de negar que devesse. Notou que a uma janella das proximidades, na rua desolada, cheia de arvores, sahira gente para escutar a altercação.

— Se a senhora grita assim, não pago.

Então a vibora gorda cresceu, inundou-lhe os espantados olhos de cuspo.

Alma desvencilhou-se nervosamente e correu.

A mulher ficou esbravejando. A' janella surgiu mais gente para ver. E a silhueta redonda, no tribunal conquistado do reverbero domestico, accusou, desconchavando os gestos na calçada.

A procissão parou. E do grupo em crepe das carpideiras, a mulher alta que fazia de Veronica subiu á cadeira, cantou inexpressiva em meio do expressivo cortejo.

— Trec-trec-trec-trec-trec!

A matraca reencetava a caminhada nocturna e heroica, que fazia, na cidade açulada de espanto convencional, o enterro de Christo.

E, de novo, a musica chorou pelos trombones em desfallecimentos exaggerados, depois obstinou-se num rythmo de passos demorados e certos.

— Bum! Pá! Bum! Pá!

As lanternas em torno ao pallio, amachucado no alto dos varaes, cabeceavam. Lá adeante, na frente, annunciando o cataclysmo, ia a cruz de pau preto, a balançar um M enorme de linho. E fieiras vacilantes de tochas guardavam os andores.

Alma, enfiada num turbante velho, ia atraz da Virgem apunhalada que quatro homens, de togas como juizes, erguiam sobre os hombros impavidos.

E parecia-lhe que enterravam alli, gloriosa-

mente afinal, o filhinho que ella trazia insepulto no coração.

Era o seu drama aquelle, o drama obscuro de Maria em Jerusalem, de que as gentes da terra, numa condemnação de remorsos, fixada num calendario implacavel, renovavam o angustiado mysterio por noites extaticas de lua.

— Bum! Pá! Bum! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá!

Os trombones gargalhavam nos desmaios do pranto lutuoso.

E ella sentia, na cadencia das luzes e das opas, ao som grave e cavo da matraca, que conduziam alli, atraz d'ella, o feretro desmesurado de Deus.

Mas o Senhor que ahi vinha, gelado num caixão, era parecido com o seu filho que os homens haviam morto na cruz dos seus braços inuteis, dos seus braços inertes.

— Bum! Pá!

Nossa Senhora não fôra como ella... No entanto, que haviam sido Magdalena e a Samaritana? E ella era como Nossa Senhora porque tinha experimentado, do coração aos olhos, o gume das sete espadas! E sua creança não tivera, como o filho de Maria, senão o desprezo dos diabos felizes da terra.

Maria decerto andara assim, como ella, ano-

nyma, pisada, na multidão que seguia o charivari da cruz, na cidade negra de Jerusalem.

— Trec-Trec-Trec-Trec!

Maria, porém, fôra vendo de longe o filho doloroso, o filho santo. E ella não podia mais ver, nunca mais, o sêr affectivo que lhe sahira das entranhas.

Num calmo tropel, a procissão desmembrava-se para penetrar na egreja grande e accesa do largo.

Afastaram-na do centro, junto com beatas e homens do povo, para deixar passar, aos solavancos, na gloria funeraria dos trombones, o filho ensanguentado de Maria.

Aquella manhã veio, numa seducção de luzes, accordar a casa baixa.

Ella vestira-se, sahira sem destino, longe, pela cidade.

Fizera Hygienopolis a pé. Queria voltar. E nem um bonde apparecia no fim dos trilhos de aço. E o silencio doirava a hora azul.

A avenida aristocratica dormia ainda nas residencias defendidas e mudas entre arvores.

E todo o seu sêr parara numa concentração irresistivel de myriades de musculos animicos.

Então, para o silencio das altas nuvens, partiu uma escala de piano, vibrada invisivelmente de dentro de uma vivenda quieta.

O silencio propositado de tudo, das arvores e das sombras, acolhera as notas numa resonancia extatica.

Ella estava de negro, como um corvo, e o sol queimava-a.

E, de novo, a escala insistiu as sete notas, batidas por mãos de creança, regulares, eguaes.

Ella pensou que, no fim, quando tudo se acabasse, esse momento de tristeza augusta falaria.

As lagrimas desciam silenciosas á vista das roupinhas empilhadas, na gaveta que D. Genoveva lhe dera.

Quando outra mãe, feliz, descuidosa, passava

com a sua creança viva, tinha um choque no coração.

E nas horas do recomeço do trabalho, na sala escura, onde com elle brincara tanto, vinha-lhe á cabeça flammejante, uma pena immensa e quieta.

Aos domingos, partia cedo de bonde, levando lios de margaridas brancas e saudades, compradas na feira da vespera. E achava uma injustiça elle estar alli, debaixo da terra, do cemiterio suburbano, ao canto lithurgico das arvores, enquanto os outros meninos corriam e brincavam ao claro sol.

Soube, num cinema, que Mauro Glade estava preso.

Com os cabellos corridos, a cabeça martyrisada para o alto, João do Carmo transmittia telegrammas. Mais de um anno se tinha passado sobre a sua derrota. E elle amava-a sempre.

No inicio, a mão gelada de um grande torpor tocara tudo, emmudecera tudo. As suas acções automaticas passaram a reflectir um desvio que elle controlava com pena.

Rondou, durante mezes, o bungalow das Perdizes. A casa permanecia sempre escura. Como se não fosse para vel-a, ia postar-se demoradamente a uma esquina. Numa immobilidade de espirito e de gestos, presentia-a ás vezes num chegar ruidoso de automovel.

O coração afinal não se lhe apertou tanto como antes. Mas, em torno d'elle, tudo morrera pouco a pouco, ou se envenenara ou se tñocara. Era um cemiterio, o bairro, o club aquatico e o emprego, com os sêres inexpressivos, inexistentes que lhe falavam.

Os dias vinham ás vezes, pallidos, encontral-o chorando de olhos salsos.

Voltava espaçadamente a nadar no rio.

E sabia de tudo — o regresso de Mauro, a briga irritada do engenheiro, a morte imprevista de Luquinhas.

Dez vezes, quizera offertar-se, correr, erguel-a. Um obstinado plano de salvamento formara-se-lhe no intimo, vivia-lhe no coração.

A tarde baixara sobre a cidade um incommensuravel occaso preto. E elle pensou definitivamente em emprestar o revolver policial de Dagoberto Lessa.

Chamaram-no ao telephone. A voz angustiada de Frederico Carlos Lobão esganiçou-se. Disse-lhe que tinha visto Alma, fatal como a Esphinge de Edipo.

— Falou com você?

— Falou. Perguntou pelo teu amor...

Encaminhou-se para o bar pitoresco do Braz, onde na parede se recortava, em roxo batata a Estação da Luz.

E foi sentindo baixar pelas ruas o aureo occaso negro da cidade, reposta num equilibrio grandioso de linhas e de cupulas.

Na solidão amiga do quarto pobre, onde se tinham tanto promettido, elle levantara-se. Approximou-se e, dissimulando mal um carinho grato, tomou-a pelos hombros palpitantes.

Demoraram-se assim, na expectativa de qualquer coisa immensa e nova. E os labios encontraram-se incertos, violentos, terriveis.

— Faze olhos grandes!

Na penumbra, Alma escancarou as alvas, moldura para as pupillas verdes de velludo e crystal.

As narinas fremiram.

E, numa mobilidade de puzzle imprevisto, a mascara cascadeou um riso desigual com altos e baixos de animalidade lasciva, os dentes brancos e perfeitos engastados até o fundo nas gengivas sadias.

Descobriram um ninho de duas saletas na rua de São Caetano. Um transito ininterrupto de carroças barulhava.

Na area fechada da casa, havia duas araras ornamentaes e inquietas.

Elle ia jantar só, pela ultima vez. Uma psychologia tenebrosa de noivo empalava-o. Tudo estava de parabens: as arvores, as casas, as gentes. Sentia que ia fazer uma grande coisa, uma grave coisa.

A cidade tremeluziu nas primeiras luzes. E sobre elle desceu a noite de festivas lanternas.

Deixava o velho aposento de solteiro. Descera Baudelaire da parede.

Um delirio tomou-o na noite de presentimentos e de gloria. A cabeça destampara-se-lhe. E, pela fresta aberta, fugiam tropeis pensativos — a mobilia, ella, a mobilia...

Tactearam-se, procurando reconhecer, um no outro, velhas eleições.

As araras decorativas punham gritos finaes nos dias morrentes.

Nas noites apagadas do leito, elle começou a sentir que a castidade de Alma gastara-se como a sua saude inicial. No contagio canalha dos homens, ella se tinha desmoralizado pouco a pouco.

Um gesto, uma phrase, repunham-no no cal-

vario passado. E não se sabiam dar a promettida festa do amor.

Accordavam ás clarinadas dos quarteis. A ambos, o quarto e a vida pareciam estranhos.

João perscrutava a desolação do seu paraizo attingido. Alma tinha uma tyrannia de habitos, oppostos aos seus mediocres contentamentos. Pensava no filho e no automovel verde que perdera.

Nas noites contrafeitas, elle sahia ao seu lado, para ir ouvir, no escuro, a chorosa festa das valsas de cinema.

Ao passar o portão, na volta do emprego, affligia-se numa pouca segurança. Aquelle ambiente improvisado, onde os seus livres e as suas pequenas coisas punham uma nota solitaria, não o sentia seu.

Horrorisou-sê n'elle o sonho pertinaz.

E Camilla Maia, numa reaparição, levou-a de novo, offerecendo-lhe perigosos vestidos.

Era uma presença inquietante, molesta, a desse sêr de pequenino sorriso, que não partilhava das suas obscuras angustias.

Quiz protestar. Alma perguntou-lhe quantos presentes lhe tinha dado.

Passou a sonhar deante das liquidações.

Percebia desoladamente que ella não era a mulher que tinha amado.

Voltou a procurar Frederico Carlos Lobão que lembrava, numa triste gordura, a sua portugueza cataclysmica. Ella voltara para o trahir de novo.

Nos passeios longos de bonde, pela noite á toa, egualados na importancia que davam ás minucias heroicas das proprias batalhas inglorias, indagavam se era possivel que na vida não houvesse para elles os poemas consolantes.

E inventavam o passado:

— Ella, uma vez, me disse... E eu disse...

Ia lendo um livro. Esbarrou a uma esquina com Dagoberto Lessa. E o venenoso homem calvo, aposando-se d'elle, como de uma presa perdida, lançou-o num barathro de duvidas e revoltas. Contou-lhe, sob palavra de honra, que ella tinha outro amante, a cidade toda sabia...

Andaram vagarosos na tarde confidente, pa-

rando, proseguindo. Dagoberto era uma vocação exercitada de bombeiro do amor. Sentia-se apparelhado de escadas, de cordas, de mangueiras.

O outro escutava-o como uma creança. Precisa-
sava deixar aquella Lucrecia Borgia.

Soffria muito. Decidiu-se covardemente. Não voltaria á casa aquella tarde. Estava ao lado de Lobão que fôra chamado. Ficaria com elle. Era o seu leal amigo. Vinha-lhe uma irreprimivel vontade de chorar.

Solennemente secco, Dagoberto partiu para separal-os. Alma fel-o sentar, indifferente. E soube que João a abandonava com todos os moveis, retirando apenas os livros, a mala e os objectos intimos.

Camilla appareceu de repente, radiosa, com um chapéu claro, num vestido azul de franja de

seda. E interveiu, ironica e violenta, longe daquella humilde aventura. Trouxas eram as mulheres! Alma, "um succo", nas mãos daquelle miquiado!

Dagoberto, enfiada a dolorosa carapuça, rete-sou-se rapidamente de odios, de venenos.

A mulher petulante, decidida, imprevista, achava grosseiro o procedimento do amante e mais ainda o do novidadeiro.

Num arrebatamento de discurso, elle levantara-se. Repeliu sonoro. Classificou as mulheres. E, furioso ante a inexgottavel arrogancia da contendor elegante, gritou, num supremo argumento, que era da policia, que prenderia as duas...

Alma continha o seu odio fulgurante a um canto.

Camilla apostrophou-o num esganiçado grito:
— Indecente! Secreta! Sae azar!

Elle teve uma rabanada heroica da capa hespanhola:

— Promptuariada! Eu te conheço...

Alma estalara em lagrimas nervosas, intervindo.

— Sáia d'aqui!

Elle rodou os degraus numa furia, os dedos de estrangulamento.

E berrou da calçada:

— Vá para uma pensão! Role na esterqueira!
Role!

Na inconsciencia da noite longa, no barzinho eleito do Braz, João e Frederico Carlos, no confessorio dos copos, disseram mal de Dagoberto.

Era um estraga-tudo irrequieto, que pairava numa suspensa ironia, sobre a belleza dos seus vivos sentimentos, sobre a credulidade e a força dos seus devotados corações.

Ella era a sua vida, toda a sua vida.

A cidade nocturna festejava São João. Havia fogueiras, rojões, estouros de bombas.

Num remorso, o seu coração fagulhava como os pobres fogos da cidade, tremulos e curtos.

Reataria. Talvez fosse tudo mentira. Sentia que devia reatar.

Apenas, na reconciliação dolorosa, imporia condições novas de vida. Camilla não voltaria a frequental-os.

Tomou rapidamente um bonde, para passar por lá. Talvez a visse. Talvez se falassem...

O seu coração fagulhava como os pobres fogos da cidade, tremulos e curtos.

Imporia condições. A vida de ambos...

Seria ella?... Por uma divisão do tosco caramanchel, no Jardim Publico, onde a esperava sem que Dagoberto soubesse, viu-a caminhar por uma aléa, elegante, solida e simples, num vestido claro de Camilla, a gola alta, um feltro branco de onde despencavam cerejas enormes. Como estava magra, o rosto severo e abatido!

E ante o seu orgulho flammejante, ás primeiras palavras, elle sentiu o velho coração ceder.

Na volta para o quarto, onde tinham tentado a jornada da felicidade, ella foi recordando a vida. E o homem grande e bom que a acompanhava, numa retornada ventura, commoveu-a.

Lá dentro, atirou-se para beijal-o. Elle fugiu num resentimento inesperado do coração offendido. Houve uma caçada de boccas.

E, pelo dia a dentro, interrogou-a sobre o calculado rival. Não houvera nada de grave.

— Nada de grave... dizes?

Ella pôz, nos labios debonarios, um sorriso evocativo de beijos.

O coração trahido cortava-se num silencio. Mas, subito, Alma investiu, a bocca terrivel, de confessada:

— Tu és o unico culpado. Encontrei um amor

quente, louco... amor de menino... Não um exquisito, como tu...

E disse ainda, de pé, na gola alta, que não queria o seu perdão se o não merecesse. A culpa das mulheres cahirem era dos homens que não sabiam amar...

Agora, nas noites longas, o outro deitava-se com elles, ao leito, interpondo no amor inaugurado o seu extranho corpo.

Lobão que promovera o reatamento, contou tudo a Dagoberto.

A culpa era dos homens que não sabiam amar.

Mas elle venceria as complicações embaraçantes da sua psyche doentia. Seria igual aos outros.

Num deslumbramento, comprou para ella um chapéu cheio de penninhas e fitas numa loja esqui-va. As penninhas vermelhas e verdes faiscaram na matinal luz, onde sinos biincavam. Embrulharam-no num vasto papel de seda.

Mas a vida era uma tristonha desigualdade.

Não podia afastar a diabolica presença de Camilla. Ella apparecia com vestidos extranhos, em pelles, em fitas, e levava-a num risonho tumulto, dando-lhe écharpes modernas, luvas inteiriças de pellica.

Tinham marcado um encontro essa noite. Iriam dansar. Camilla arranjava com Arthur, sempre gin-

gando e sorrindo pelas ruas, um convite para a festa mensal do Victoria Club. De lá, iriam á sua garçonnière, na Rua da Boa Morte.

Alma vestia-se numa aureola, rindo muito o seu riso desigual e lascivo, daquelle amor macambuzio.

Sob o abat-jour, ouro e azul, o bello corpo numa camiseta transparente e curta, maxixava cantando:

— Tari-tari! Bem picadinho! Vou dansar...

João sentara-se pensando na impossibilidade de prolongar aquella vida.

Na intima penumbra do peito, sentia correr-lhe um rio de tristezas atavicas, inexpressivo, surdo e tenebroso.

Pensava na sua incapacidade invencivel para as festas da terra. Seus paes nunca haviam maxixado, nem seu irmão padre, nem sua irmã louca, pobre Ophelia sem Hamlet...

Ah! Coração enganado! Coração enganado!

Alma promettera voltar á meia noite. Eram quasi duas horas e elle esperava ainda.

Deitou-se com a propria sombra, estirada na parede pallida do quarto, que tinha a janella aberta.

E ficou vendo a vida continuar.

As duas lettras que assignara, na annunciação do amor, venciam-se com dez dias de intervallo. O usurario grande, de fala fina, propôz-lhe que fizesse uma maior incluindo os juros. Acceitou a transacção emprestando de um collega o dinheiro necessario.

E, no dia inimigo, percebeu que sua vida caminhava para um desastre.

Não attingira a finalidade procurada na longa espectativa do seu amor.

O desequilíbrio em que corriam os seus dias annunciava-lhe uma especie de exame final, em que seria fatalmente reprovado.

Não comprehendia os gastos de Alma, a sua despeza crescente.

Accordara tarde ao lado d'ella. E deixou-se ficar no quarto por arrumar. Queria falar-lhe, expôr-lhe tudo, dizer-lhe a sua dor e a sua revolta.

Alma cantarolava um tango, num vestido inteiro de lan, sobre sandalias altas. Dispunha objectos e moveis, num atarantado carinho. Iria ao outro dia, com Camilla e Arthur, ao Alto da Serra.

Expulsou-o estouvadamente do leito. Elle vestiu-se.

Depois começou, tímido, incerto... Queria falar-lhe. Pediu-lhe que fossem ao Jardim da Luz.

Ella repeliu a ideia. Falasse alli mesmo no quarto que precisava arranjar.

Elle pôz o chapéu e sahiu só.

Para dar-lhe roupa branca, tomou a maxima resolução de seus dias.

Ia desfazer-se da unica lembrança materna que tinha. Era uma joia antiga.

Esperou que Alma não estivesse. Foi ao fundo de sua velha mala. Procurou, desembrolhou cuidadosamente. Derramou-se de uma flor de ouro um chuveiro de minusculos diamantes. Uma emoção estrangulou-o de joelhos.

Foi ao Monte de Soccorro. Dariam, pela joia, quinhentos, talvez seiscentos mil réis...

Esperou que um dos cubiculos abertos, onde uma mulher negociava, se desoccupasse.

Um velhote enrugado veio tomar-lhe o objecto.

Levou-o sem exame, lançou-o a uma minúscula balança de precisão. Ia pesar o seu destino. Talvez collocasse no outro prato um grande meio kilo. Tomara cincoenta grammas insignificantes. A balança virou. Elle pesava aquillo tambem...

Nas tardes effusivas de sol, deixando de ir ao club do rio, entrava debordante, pedindo uma compensação, ao menos, para a sua existencia desmantelada — o amor que ella lhe devia.

Passou a esperar, deante de seus gestos incoherentes, com uma serenidade de suicida, que o destino o rebentasse num ultimo choque.

Não tinham mais contactos.

E ella, sentindo-o obstinado e extranho, começou a soffrer.

Resolveu contar-lhe que fôra bôa como elle e credula e mais o que sabia do mundo e mais como os outros lhe haviam destroçado ás risadas as ultimas innocencias.

Uma manhã, disse-lhe beijando-o, que não podia viver sem o seu amor.

A' noite, voltaram-lhe as dores do incommodo antigo. Elle ficou accordado até trez horas da madrugada, renovando-lhe compressas de agua fria sobre o doloroso ventre.

O martyrio acalmou-se. Estavam no escuro: João, sentado a uma cadeira, esperando, insomne e humilde. Ella pediu-lhe que accendesse a luz. Elle obedeceu, sorrindo:

— Queres me ver...

E ella num carinho novo, disse:

— Não preciso de luz para te ver...

Elle então estremeceu, accordando para a vingadora felicidade que lhe sorria.

O seu coração estuou tão forte que não quiz mais deixal-a. Passou a seguil-a quando podia, de longe, nas ruas.

E viu-a uma tarde passear no Jardim Publico com outro homem. Era um desconhecido, vigoroso e claro.

Deixara de espional-os, por entre arvores e moitas, numa canceira nervosa.

Voltou ao bar perdido do Braz.

No crepusculo do bairro, velhos sujeitos dan-santes entravam. Havia calças brancas e peliças suspeitas.

Reviu, na parede fronteira, a Estação da Luz.

Ao seu lado, o immenso orchestrão de campainhas guinchava uma valsa. Era a alma varia e imprevisita, desencontrada e musical do bairro pobre, onde a sua vida se destroçara.

O orchestrão calou-se. Elle leu insistentemente um reclamo num espelho.

Sentiu um desenlace descer. Tocavam-no dos ultimos reductos da esperança. Não possuia mais nada, nunca possuira nada. Um desconforto phisico dobrava-o. Toda a sua finalidade fôra aquella mulher. Amara-a numa teimosia epica, atravez de todos os revezes, de todas as lagrimas, de todos os desconfortos. Acreditara sempre nella...

Pagou a humilde despeza. Sahiu pelas ruas escuras e frias.

Um nojo indizivel envolvia-lhe os passos automaticos. Revia o caminho enganoso que trilhara. O sentimento de repulsa dominava-o, inflexivel e definitivo. Não havia mais remedio, nunca houvera remedio para aquelle amor...

A figura de Alma passou, demoniaca, num meio dia de luz, os dentes perfeitos, engastados até o fundo nas gengivas de roman. As araras decorativas punham gritos finaes nos dias morrentes...

Reagiu. Uma imperativa mão afastava-o de

novos contactos, de novas explicações, de novas mentiras.

Como? A molhada noite de relampagos apagados num instante... E a cidade armada em capella mortuaria, com as carroças nos viaductos...

O labyrintho de Creta só tinha uma sahida, só uma porta. E na desvairada Paulicéa, as carroças rodando nos viaductos, silhuetados em aço pelos relampagos curtos... Silencio! Um homem vae morrer, voluntariamente, victoriosamente...

E as carroças nos viaductos...

Lá em baixo, um gato humano miou esfrangalhado.

Os embuçados que passam nas pontes a essas horas, espiaram.

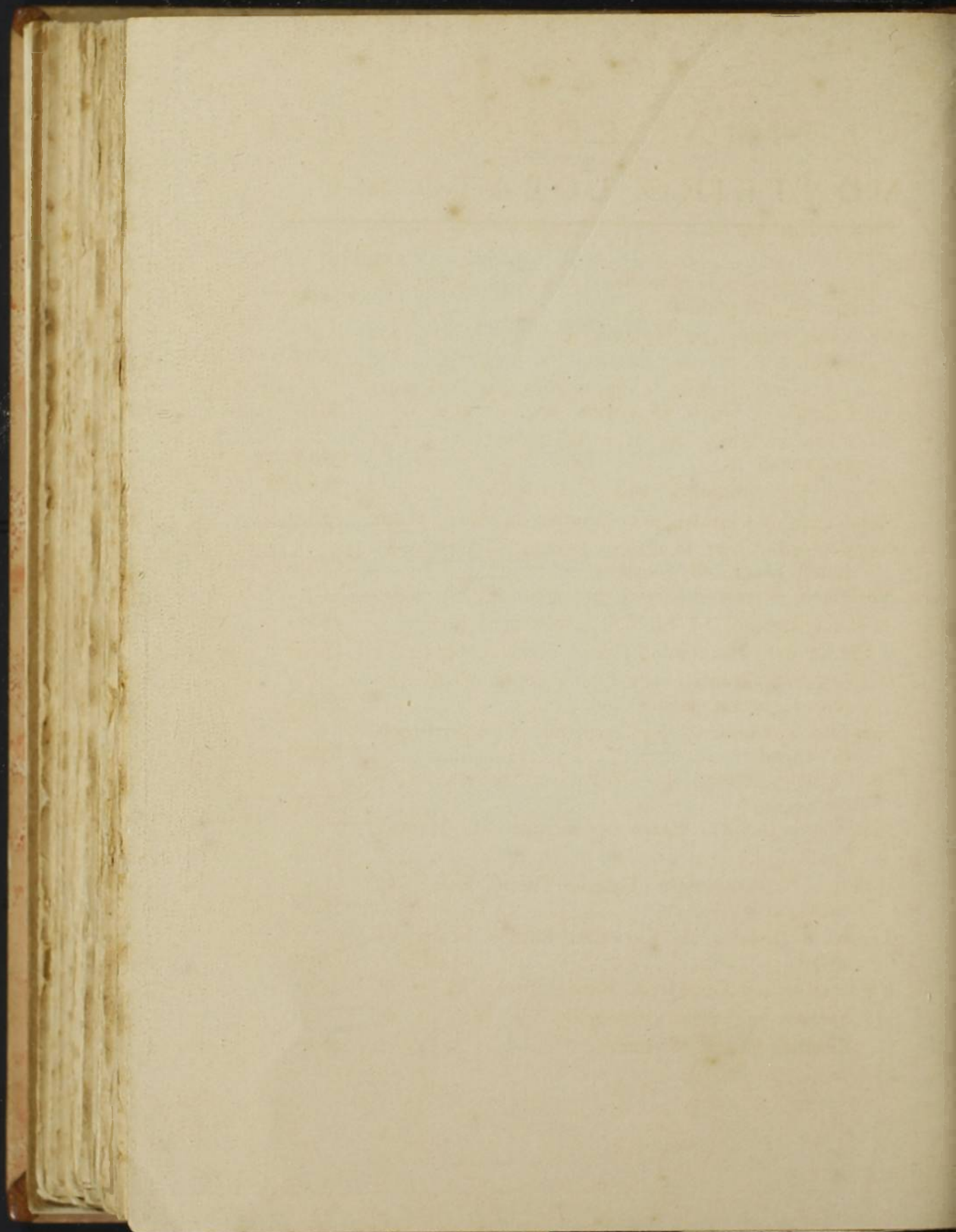
Um relampago silhuetou em aço o viaducto e o suicida estendido e calado.

Dez horas... onze horas... Alma quasi dormia.

Jorge d'Alvellos, seu primo esculptor, chegara da Europa. Reconhecera-o nos Correios, ouvindo-lhe o nome extranho que um outro dizia. Passear, com elle para contar-lhe a vida. Agora, apresental-o-ia a João... Que demora na noite... Ella quasi dormia... Na distancia, um cão ladrava: bau... bau... bau...

Na manhã do Tietê, o club de natação içou a sua bandeirola, triangular e vermelha, a meio-pau.

L A V S D E O



ULTIMAS EDIÇÕES DE MONTEIRO LOBATO & Co.

<i>Urupês</i> , contos por Monteiro Lobato. — broch. 4\$, enc. 5\$, ed. popular	1\$500
<i>Negrinha</i> , contos por Monteiro Lobato,—broch. 1\$5, encad.	3\$000
<i>Cidades mortas</i> , contos e impressões por Monteiro Lobato. — broch. 4\$, encad. 5\$, ed. popular .	1\$500
<i>Idéas de Jéca Tatú</i> , por Monteiro Lobato. — broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Fabulas</i> , por Monteiro Lobato, cartonado	2\$500
<i>Fabulas de Narizinho</i> , por Monteiro Lobato, preço	3\$000
<i>Onda Verde</i> , por Monteiro Lobato, 2. ^a ed. (8. ^o milh), broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Narizinho Arrebitado</i> , livro para creanças, por Mon- teiro Lobato, 1. ^a ed. (50. ^o milh)., cart.	2\$500
<i>O Sacy</i> , por Monteiro Lobato, preço	2\$500
<i>O Professor Jeremias</i> , por Léo Vaz, 4. ^a edição (8. ^o milh.) broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Sapezaes e Tiguéras</i> , por Armando Caiuby, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Os Caboclos</i> , contos de Valdomiro Silveira, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Figurões vistos por dentro</i> , por Simão de Mantua, broch.	5\$000
<i>Madame Pommery</i> , por Hilario Tacito, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Tropas e Boiúdas</i> , de Carvalho Ramos, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Vida ociosa</i> , por Godofredo Rangel, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>A mulher que peccou</i> , novellas de Menotti del Picchia, broch. 4\$, encad.	5\$000

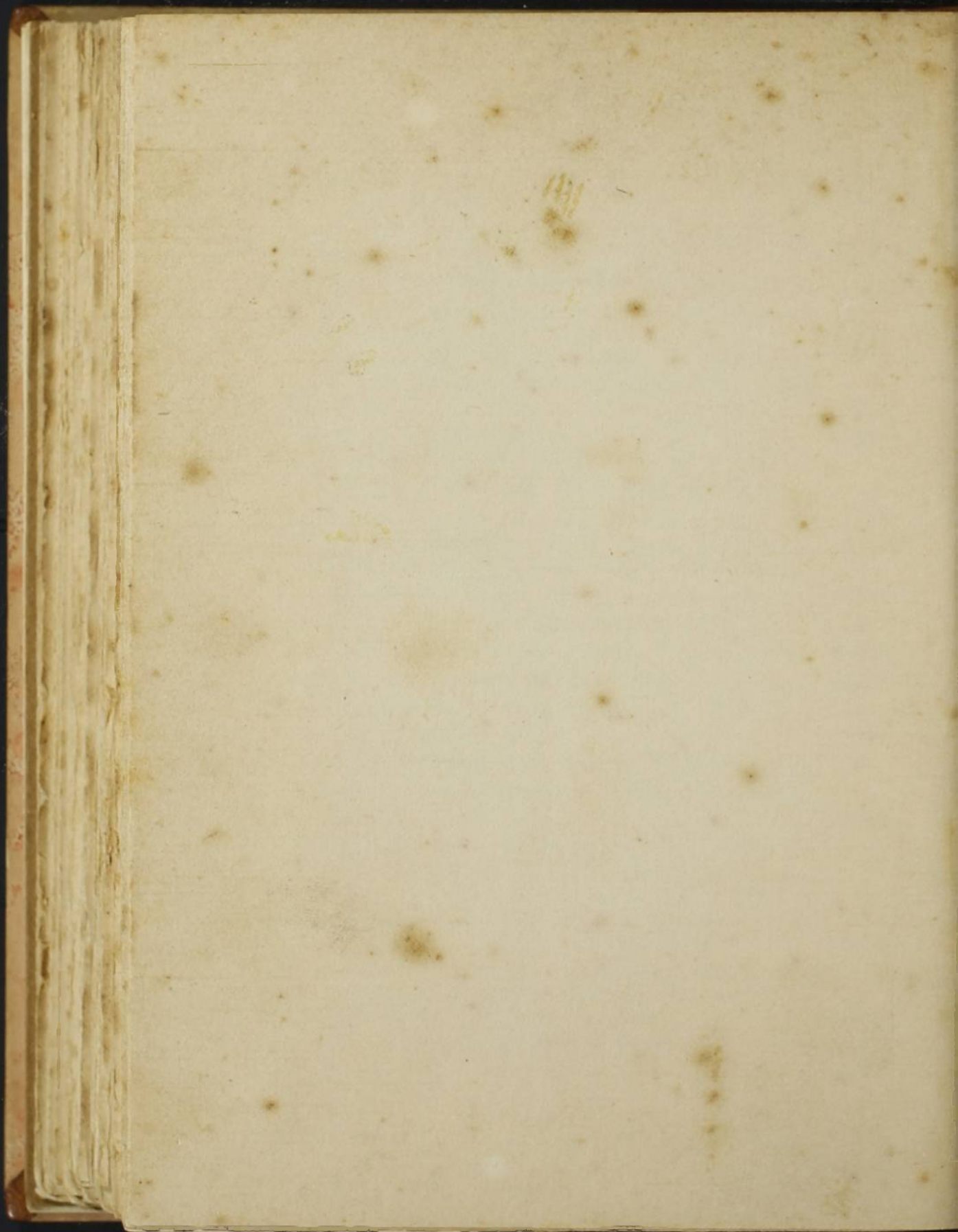
<i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , de Lima Barreto, broch.	2\$000
<i>Redempção</i> , por Veiga Miranda, broch. 5\$, encad.	6\$000
<i>A Casa do Pavor</i> , por Moacyr Deabreu, broch, 3\$, encad.	4\$000
<i>Paiz de Ouro e Esmeralda</i> , de J. A. Nogueira, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Rito Pagão</i> , Poesias de Rosalina Coelho Lisboa, broch. 4\$000, encad. em camurça.	12\$000
<i>Alma Cabocla</i> , por Paulo Setubal, broch. 3\$, encad.	4\$000
<i>Esphinges</i> , versos de Francisca Julia, broch.	4\$000
<i>Scenas e paisagens de minha terra</i> , de Cornelio Pires, ed. popular 2\$, em papel fofo	3\$000
<i>A Trilogia do Exilio</i> , (1.º vol. — Os condemnados), por Oswald de Andrade, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Fim</i> , de Medeiros e Albuquerque, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Arte de Amar</i> , por Julio Cesar da Silva, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Livro de horas de Soror Dolorosa</i> , por Guilherme de Almeida, broch	5\$000
<i>Ipês</i> , de Ricardo Gonçalves, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Como se aprende a lingua</i> , por Sampaio Doria, curso elementar 3\$, curso complementar	5\$000
<i>Indiscreções da nossa Historia</i> , contos por Assis Cintra, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Jardim das Confidencias</i> , versos de Ribeiro Couto, broch.	3\$000
<i>Tradições e reminiscencias Paulistas</i> , por Affonso de Freitas, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>A Lingua Nacional</i> , de João Ribeiro, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Contribuindo</i> , por Martim Francisco, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Sciencias Physicas Naturaes, Hygiene</i> , por Miguel Milano, cart.	3\$500

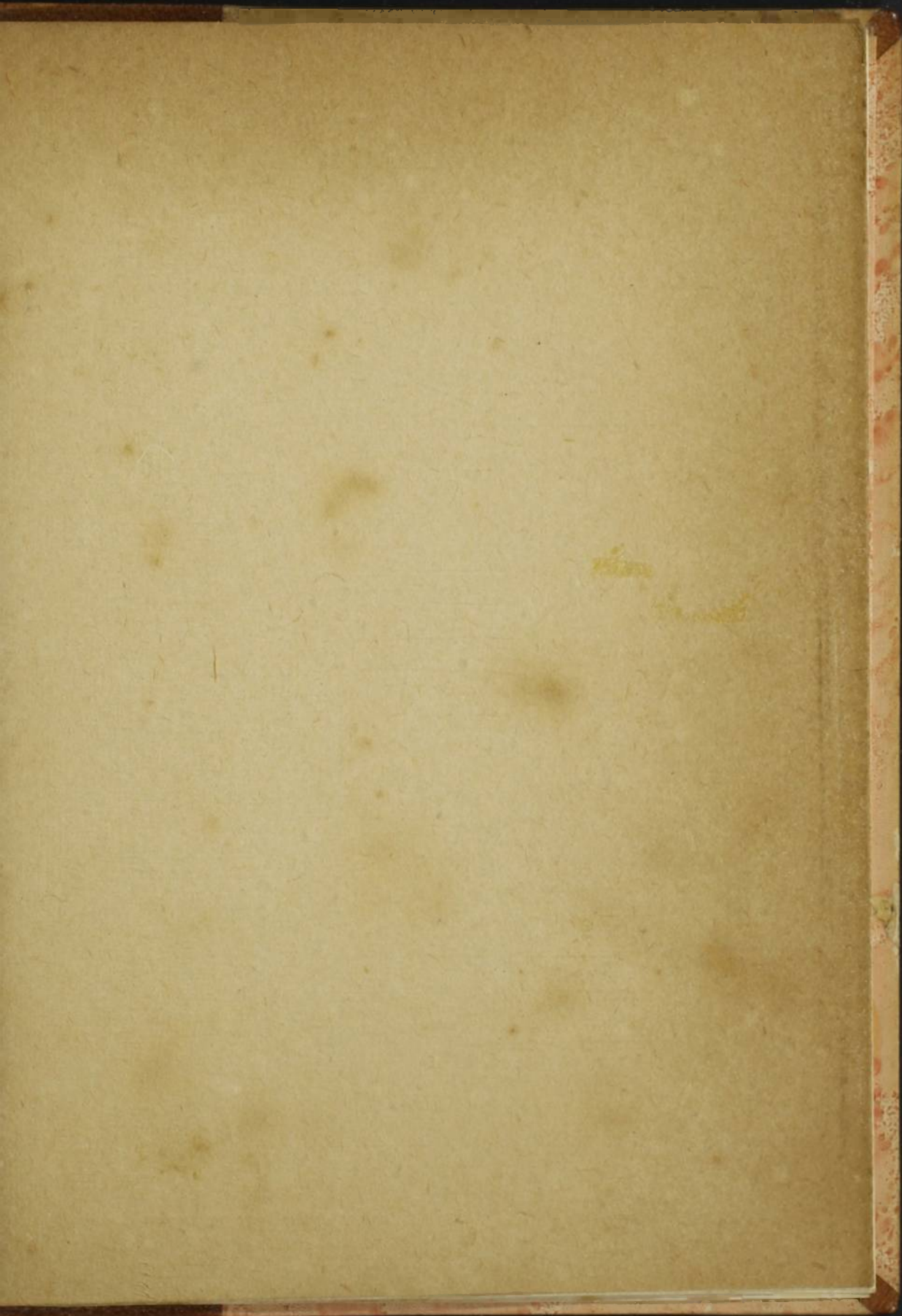
III

<i>Brasil com S ou com Z</i> , de Assis Cintra, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>O Elogio do Amigo</i> , de Nestor Victor, broch. . . .	3\$000
<i>Vultos e Livros</i> , de Arthur Motta, broch.	5\$000
<i>Notas de um Estudante</i> , por João Ribeiro, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Physionomias de Novos</i> , de João Pinto da Silva, broch. 4\$000, encad.	5\$000
<i>A Allemanha Saqueada</i> , de Mario Pinto Serva, broch.	4\$000
<i>Sonho de Gigante</i> , por J. A. Nogueira, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Hygiene e Tratamento Homeopathico das Molestias Domesticas</i> , por Alberto Seabra, encad.	8\$000
<i>O Problema do Além e do Destino</i> , por Alberto Seabra, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Phenomenos Psychicos</i> , por Alberto Seabra, broch.	4\$000
<i>Joaquim Nabuco</i> , por Henrique Coelho, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Hygiene Veterinaria</i> , pelo tenente Antonio Souza, broch.	4\$000
<i>No Mundo dos Lhdrões</i> , por J. L. Mulberry, encad.	4\$000
<i>Crepusculos</i> , poesias de Moacyr Chagas, broch. .	3\$000
<i>Pequenos Estudos de Psychologia Social</i> , por F. J. de Oliveira Vianna, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Meus Odios e Meus Affectos</i> , por Almachio Diniz, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Chuva de Rosas</i> , poesias de Jorge Salis Goulart, broch.	4\$000
<i>Mula sem cabeça</i> , contos de Gustavo Barroso, broch.	2\$000
<i>A Paysagem no Conto e no Romance e na Novella</i> , por Fabio Luz, broch. 4\$, enc.	5\$000
<i>Realidades e Apparencias</i> , ensaios de Gilberto Amado, broch. 4\$, encad.	5\$000

IV

<i>A Sedição do Joazeiro</i> , de Rodolpho Theophilo, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>O Imposto do Sello</i> , por Amaral Gurgel, broch. 8\$, encad.	10\$000
<i>Parque Antigo</i> , versos de Galeão Coutinho, broch.	
<i>O que todo o cidadão deve saber</i> , por Sampaio Doria, broch.	3\$000
<i>O Mystério</i> , por Afranio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque, broch. 4\$, encad.	5\$000
<i>Manhã</i> , de Graccho Silveira, cart.	2\$000
<i>A Novella Nacional: A Pulseira de Ferro</i> , de Amadeu Amaral, 1\$, Os Negros, de Monteiro Lobato	1\$000
<i>A Divida do Brasil</i> , por F. T. Souza Reis, broch.	3\$000
<i>Palavras de um Dia e de Outro</i> , allocuções de Aloysio de Castro, broch.	4\$000
<i>Oração aos Moços</i> , de Ruy Barbosa, broch.	3\$000
<i>Um Soneto de Bilac</i> , por Amadeu Amaral, broch.	2\$000
<i>Discurso</i> , por Amadeu Amaral, broch.	2\$000
<i>Dialecto Caipira</i> , por Amadeu Amaral, broch.	5\$000
<i>Dante</i> , por Amadeu Amaral, broch.	2\$000
<i>A Novella Semanal</i> , contos selectos, broch. 4\$, encad.	
<i>A Proxima Guerra</i> , estudos de Mario Pinto Serva, broch.	3\$000
<i>Codigo Commercial Brasileiro</i> , do Dr. Clovis Rimer- mercante 8\$, <i>Estudos de Direito Commercial</i> 10\$, <i>A Hypotheca Nazul no Brasil</i> 3\$, <i>Os cre- dores privilegiados e o direito de pedir a fal- lencia</i> 3\$, <i>O Menor Commercialmente</i>	3\$000
De diversos auçtores, <i>O que todo o commerciante precisa saber</i> (10.º milheiro) 1\$, <i>Almanach Commercial Brasileiro de 1918</i>	6\$000
<i>Codigo Commercial Brasileiro</i> , de Dr. Clovis Ri- beiro, cart.	5\$000





PREÇO 4\$000

OSWALD

TRILOGIA I

OS CONDEMNADOS

MÓNTEIRO LOBATO & Co. - Editores

S. PAULO - 1922

PREÇO 4\$000



